



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

FERNANDA CRISTINA DE OLIVEIRA RAMALHO DINIZ

SUPER-HEROÍNA (EN)CENA: REPRESENTATIVIDADE E
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES E DAS SUPER-HEROÍNAS

João Pessoa – PB

Março-2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SUPER-HEROÍNA (EN)CENA: REPRESENTATIVIDADE E
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES E DAS SUPER-HEROÍNAS

Dissertação apresentada para defesa no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Raquel Rosas Torres, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

João Pessoa – PB

Março / 2021

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

D585s Diniz, Fernanda Cristina de Oliveira Ramalho.
Super-heroína (en)cena : representatividade e
representações sociais das mulheres e das
super-heroínas / Fernanda Cristina de Oliveira Ramalho
Diniz. - João Pessoa, 2021.
106 f. : il.

Orientação: Ana Raquel Rosas Torres.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Gênero. 2. Representações sociais. 3. Sexismo. 4.
Cinema. I. Torres, Ana Raquel Rosas. II. Título.

UFPB/BC

CDU 305(043)

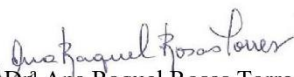


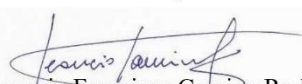
Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social



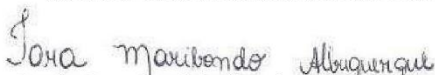
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e quatro dias do mês de março de dois mil e vinte e um, reuniram-se em solenidade pública, via videoconferência, os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social para o exame de Defesa da dissertação da discente **FERNANDA CRISTINA DE OLIVEIRA RAMALHO DINIZ** (orientanda, UFPB, CPF: 078.023.014-08). Foram componentes da banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Ana Raquel Rosas Torres (UFPB, Orientadora, CPF: 267.442.364-15), Prof. Dr. Leoncio Francisco Camino Rodriguez Larrain (UFPB, Membro interno, CPF: 040.084.304-82), Prof. Dr. Anderson Mathias Dias Santos (UFPB, Membro Interno ao Programa, CPF: 062.650.854-17) e Profa. Dra. Iara Maribondo Albuquerque (F.M.Nassau, Externo à Instituição, CPF: 010.364.904-24) . À cerimônia compareceram, além da examinada, alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, a presidente da banca, Prof^a. Dr^a. Ana Raquel Rosas Torres, após declarar o objetivo da reunião, apresentou a examinada **FERNANDA CRISTINA DE OLIVEIRA RAMALHO DINIZ** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que apresentasse o conteúdo do trabalho, intitulado: "**SUPER-HEROÍNA (EN)CENA: REPRESENTATIVIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES E DAS SUPER-HEROÍNAS**". A seguir, a examinada foi arguida pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe a avaliação "**APROVADA**" na defesa do trabalho final para conclusão do curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, nível mestrado. Nada mais havendo a tratar, eu, Patrícia Nunes da Fonseca, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos, assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 24 de março de 2021.


Prof^a. Dr^a. Ana Raquel Rosas Torres


Prof. Dr. Leoncio Francisco Camino Rodriguez Larrain


Prof. Dr. Anderson Mathias Dias Santos


Profa. Dra. Iara Maribondo Albuquerque


Prof.^a Dr.^a Patrícia Nunes da Fonseca
(Coordenadora do PPGPS)

À todas as mulheres que vieram antes e às que me acompanharam nessa jornada,
especialmente Sônia, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Sou uma parte de tudo aquilo que encontrei no meu caminho e, como diz a música, caminho se conhece andando, apenas acrescentaria que também se faz com quem a gente encontra durante o percurso.

Então gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus, pelas oportunidades, a quem está sempre comigo, minha mãe, Sônia, que me incentiva a continuar e lutar pelo que acredito, me faz lembrar da minha força, me acolhe em seu abraço em todos os momentos e ainda é o maior exemplo profissional e de pessoa que posso ter por perto. Agradeço também ao meu pai, Francisco (*in memoriam*), por ter sido o melhor pai e por seguir cuidando de mim. A minha avó, Aldaly, pelas orientações e orações. E a Jolly, que não saiu de perto de mim um minuto sequer, parecendo que sabia os momentos certos de pular na minha barriga.

Aos familiares, especialmente minhas tias e primas, que torceram, ajudaram e contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. E Rita, também conhecida por Ritão, pelo cuidado e carinho como se eu realmente fosse sua filha.

Agradeço à minha amiga Aryadna, carinhosamente conhecida por Ariquici, por me ensinar sobre amizade, sobre psicologia, sobre as coisas da vida, por sempre estar comigo e acreditar em mim. À Day, pelo amor, companheirismo, compreensão e apoio desde antes do período de estudos para seleção de mestrado.

Agradeço à Denize e Yara pelo trabalho na Secretaria da Pós, pelas conversas e pela gentileza de sempre. À minha turma de mestrado, por dividir as felicidades e angústias, cansaços e comemorações. Em especial, à Viviane (Vivi), primeira pessoa da minha turma que tive a satisfação de conhecer e já senti vontade de ser amiga: ainda bem que somos e nos apoiamos durante esse processo; e à Lays, com o acolhimento recíproco. À minha comissão de formatura favorita, Isabela, Lizandra e Vitória, e agregada Laura, pela amizade que continua, o apoio mútuo e por segurar as pontas quando a graduação se coincidiu com a pós. E meu grupo do sucesso, amigas e parceiras maravilhosas, Paloma e Maria. À todas as pessoas que partilharam dessa trajetória comigo, seja por algum momento, seja por ter andado comigo.

Às minhas amigas do Projeto Liberdade Igualdade Sororidade (Projeto LIS), Marina, Maysa, Grazi, Thaisa, Mayara, Ivana, Leticia, Ruanna, Paloma, Sol e Line, pela experiência de aprendizado e vivência do gesto feminista, afinal “as mulheres são como as águas, crescem quando se juntam”. E agora falando em amizade e magia, agradeço à força das minhas companheiras de viagem, aventuras e bruxarias: Gabi, Nay e Kai.

Às pessoas que fazem parte do Grupo de Pesquisa em Comportamento Político (GPCP), por construirmos relações de amizade e grande aprendizado, para além de relações de trabalho: Renata, primeira pessoa com quem tive contato no núcleo; Khalil, um incentivador; Iara, tia e por também ser leitora e contribuir com este trabalho; Hyalle, pelo apoio e ensinamentos; Lay, dinda demais em todos os sentidos; Tati, sempre maravilhosa; Anderson, por ser leitor e contribuir com este trabalho, espero poder aprender mais com você; Eldo e Andreza, pelas conversas e estudos; Fran e Barbara; Nathalia e Heitor, pelas trocas e torcida; Allysson, companheiro de estudos e um exemplo; Tátilla, pelo apoio de sempre. Em particular, Amanda, por compartilhar e acompanhar a trajetória como mestrandas, mas presente desde a graduação; e Luiza, a quem eu só consigo agradecer por tudo mesmo, da universidade e da vida, um verdadeiro presente. Aqui, não apenas agradeço, como me sinto honrada por ter o professor Leoncio Camino como leitor e receber as contribuições dessa grande referência da Psicologia.

Agradeço com muito carinho à melhor orientadora que eu poderia ter: professora doutora Ana Raquel Rosas Torres. Obrigada por ter acreditado em mim mesmo quando nem eu acreditei, me apoiado e acolhido, pelas grandes oportunidades de aprendizado, que extrapolam a universidade, e por ter me dado a liberdade de trabalhar e me apaixonar ainda mais pela Psicologia Social.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro necessário para a realização de pesquisas no Brasil.

“Considere isso uma forma agradável de lembrar que, se este filme mudou completamente o modo como estas meninas e meninos pensam sobre si mesmos e sobre o mundo em apenas uma semana, imagine o que acontecerá com a próxima geração se lhes dermos mais filmes como Mulher Maravilha.”

- Carta de uma professora da pré-escola para Patty Jenkins, diretora de Mulher Maravilha.

Resumo

Visto que o cinema se apresenta como uma forma de linguagem e uma fonte de (des)construção de representações sociais, esta dissertação teve como objetivos principais analisar as representações sociais sobre: a) as mulheres no geral; b) as super-heroínas; c) homens no geral e d) os super-heróis, investigando se os elementos da divisão sexual de papéis surgem nesses conteúdos representacionais e se afetam a tomada de posição frente à igualdade de gênero. Para isso, foram realizados dois estudos apresentados em formato de artigos. No primeiro Estudo, participaram 206 estudantes universitários, sendo 57,3% mulheres, com idade média de 20 anos, que responderam sobre a concordância com a atual ascensão de protagonistas femininas nos filmes de super-heróis, sua justificativa para o posicionamento e ao questionário sociodemográfico. Os resultados apontaram que há concordância de 95,6% dos participantes frente à ascensão de protagonistas femininas nesses filmes, mas as justificativas se diferenciaram com base na ancoragem do gênero dos participantes. Os dois dendrogramas encontrados se organizaram em cinco classes cada, sendo as justificativas das mulheres organizadas em “Representatividade importa”, “Filmes e realidade”, “Potencial da representação”, “Visibilidade, ocupação e cinema” e “Participação com sentido”, enquanto as dos homens organizadas em “Sim para as super-heroínas”, “Concordo, mas com ressalvas”, “Por que não?”, “Ascensão feminina” e “Cinema e feminismo”. No geral, as mulheres trazem uma possibilidade de ressignificação da figura da mulher no imaginário social por meio das personagens de super-heroínas, enquanto os homens trazem mais ressalvas a participação delas, bem como sua qualidade. Em ambos os grupos os discursos fazem referência a questões como feminismo e representatividade, porém sob perspectivas ambivalentes. No segundo Estudo participaram 145 estudantes universitários, sendo 51% homens, com idade média de 20 anos, que responderam a Técnica de Associação Livre de Palavras referente aos estímulos indutores “mulher”, “super-heroína”, “homem” e “super-herói”. As respostas foram divididas em oito bancos de acordo com o gênero do respondente e submetidas a análise prototípica feita com o auxílio do *software* IRAMUTEQ. Os resultados apontaram que as representações sociais da mulher e do homem se estruturam de formas diferentes com base no gênero do participante, enquanto a representação social do super-herói traz uma imagem hegemônica, isto é, compartilhada de modo semelhante por ambos os grupos, e discute-se sobre a representação social da super-heroína ser uma representação não autônoma, ou seja, abarcada pela da mulher. Assim, conclui-se que as pautas levantadas pelos movimentos feministas estão se fazendo cada vez mais presentes no cotidiano, mas, por outro lado, alguns grupos mais conservadores vão defender a manutenção de uma estrutura social desigual e se sentirão ameaçados com a ascensão dos grupos minoritários. Nessa interface entre esses grupos, podemos ter o cinema como um aliado para a construção de representações sociais mais igualitárias e que auxiliam na flexibilização de estereótipos e papéis de gênero, na desconstrução ou no reforço do machismo e do sexismo.

Palavras-chave: representações sociais; sexismo; gênero; cinema.

Abstract

Since cinema presents itself as a form of language and a source of (de) construction of social representations, this dissertation had as main objective to analyse social representations about: a) women in general; b) superheroines; c) men in general and d) superheroes, taking into account whether elements of the sexual division of roles emerge in these representational contents and whether taking a stand against gender equality is affected. For this, two studies were carried out presented in article format. In the first study, 206 university students participated, 57.3% women, with an average age of 20 years, who answered about the agreement with the current rise of female protagonists in superhero films, their justification for the positioning and the questionnaire sociodemographic. The results showed that there is an agreement of 95.6% of the participants in face of the rise of female protagonists in these films, but the justifications differed based on the anchoring of the participants' gender. They formed two dendrograms of five classes each, the justifications of women being organized in "Representativeness matters", "Films and reality", "Potential of representation", "Visibility, occupation and cinema" and "Participation with meaning", while those of men organized in "Yes for the superheroines", "I agree, but with reservations", "Why not?", "Female ascension" and "Cinema and feminism". In general, women bring a possibility of reframing the figure of women in the social imaginary through the characters of superheroines, while men bring more reservations to their participation, as well as their quality. In both groups, the speeches refer to issues such as feminism and representativeness, but under ambivalent perspectives. In the second study, 145 university students participated, 51% men, with an average age of 20 years, who answered the Free Word Association Technique regarding the inducing stimuli "woman", "superheroine", "man" and "superhero". The responses were divided into eight banks according to the respondent's gender and submitted to prototypical analysis made with the aid of the IRAMUTEQ *software*. The results showed that the social representations of women and men are structured in different ways based on the gender of the participant, while the social representation of the superhero brings a hegemonic image, that is, shared in a similar way by both groups, and it is discussed about the social representation of the superheroine being a non-autonomous representation, that is, encompassed by that of the woman. Thus, it is concluded that the guidelines raised by feminist movements are becoming increasingly present in daily life, but, on the other hand, some more conservative groups will be interested in maintaining an unequal social structure and will feel threatened by the rise of minority groups. In this interface between these groups, we can have cinema as an ally for the construction of more egalitarian social representations, which help to make stereotypes and gender roles more flexible, in deconstructing or reinforcing machismo and sexism.

Keywords: social representations; sexism; gender; movie theater.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Justificativas das mulheres sobre a ascensão de protagonistas femininas nos filmes do gênero.	9
Figura 2. Justificativas dos homens sobre a ascensão de protagonistas femininas nos filmes do gênero.	7

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Apresentação das características atribuídas	35
Tabela 2. Apresentação da estrutura da representação social da mulher por mulheres.	58
Tabela 3. Apresentação da estrutura da representação social da mulher por homens...	61
Tabela 4. Apresentação da estrutura da representação social da super-heroína por mulheres	66
Tabela 5. Apresentação da estrutura da representação social da super-heroína por homens.....	69
Tabela 6. Apresentação da estrutura da representação social do homem por mulheres	73
Tabela 7. Apresentação da estrutura da representação social do homem por homens ..	76
Tabela 8. Apresentação da estrutura da representação social do super-herói por mulheres	79
Tabela 9. Apresentação da estrutura da representação social do super-herói por homens	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CHD Classificação Hierárquica Descendente

IRAMUTEQ *Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*

TRS Teoria das Representações Sociais

SUMÁRIO

Fundamentação Teórica	16
Cinema e Psicologia Social.....	16
Abordagem das Representações Sociais	23
Panorama Geral.....	31
“Para que se possa enxergar além dos estereótipos”: a representatividade de protagonistas femininas	33
<i>Participantes.....</i>	<i>33</i>
<i>Procedimentos e Instrumentos.....</i>	<i>33</i>
<i>Análise dos dados</i>	<i>34</i>
Resultados e Discussão	35
Tabela 1	36
Apresentação das características atribuídas.....	36
Figura 1. Justificativas das mulheres sobre a ascensão de protagonistas femininas nos filmes do gênero.	40
Figura 2. Justificativas dos homens sobre a ascensão de protagonistas femininas nos filmes do gênero.	48
As representações sociais de mulher, super-heroína, homem e super-herói.....	54
Método	54
<i>Participantes.....</i>	<i>54</i>
<i>Procedimentos e Instrumentos.....</i>	<i>55</i>
<i>Análise dos dados</i>	<i>56</i>
Resultados e Discussão	58
<i>Estrutura da representação social da Mulher por Mulheres e por Homens.....</i>	58
Tabela 2	59
Apresentação da estrutura da representação social da mulher por mulheres	59
Tabela 3	62
Apresentação da estrutura da representação social da mulher por homens ..	62
.....	62
<i>Estrutura da representação social da Super-heroína por Mulheres e por Homens</i>	67
Tabela 4	67
Apresentação da estrutura da representação social da super-heroína por mulheres	67
Tabela 5	70

Apresentação da estrutura da representação social da super-heroína por homens	70
<i>Estrutura da representação social do Homem por Mulheres e por Homens</i>	74
Tabela 6	74
Apresentação da estrutura da representação social do homem por mulheres	74
Tabela 7	77
Apresentação da estrutura da representação social do homem por homens..	77
<i>Estrutura da representação social do Super-herói por Mulheres e por Homens ...</i>	80
Tabela 8	80
Apresentação da estrutura da representação social do super-herói por mulheres	80
Tabela 9	82
Apresentação da estrutura da representação social do super-herói por homens	82
Considerações Finais	86
Limitações e Direções Futuras	93
Referências	94
ANEXOS	102
Questionário do Estudo 1	103
Questionário do Estudo 2	106

Fundamentação Teórica

Cinema e Psicologia Social

Não existe consenso de qual foi o primeiro filme que teve um super-herói como protagonista (Klepto, 2018). Alguns historiadores defendem que o filme mudo *The Mark of Zorro*, de 1920, inaugurou esse gênero cinematográfico. Outros não concordam com esse início porque, tecnicamente, o personagem Zorro não poderia ser considerado um super-herói porque não possuiria nenhum poder ou característica “sobre-humana”, e esse seria o principal aspecto desse tipo de personagem. Em 1936, *Flash Gordon* foi lançado e o personagem principal se encaixava perfeitamente na categoria de “super-herói”: tem poderes sobre-humanos e luta para salvar a Terra de perigos vindos de outro mundo. Este filme também foi a primeira adaptação para o cinema de uma história em quadrinhos, prática que se tornou muito frequente no século XXI, como por exemplo, as adaptações de Mulher-Maravilha, Viúva Negra e Capitã Marvel.

Importante também ressaltar que esse gênero cinematográfico exerceu forte influência em importantes diretores de filmes do século XX, como George Lucas e Steven Spielberg. O primeiro filme que teve uma mulher como super-heroína protagonista só foi lançado mais de meio século depois, em 1984, intitulado *Supergirl*. O segundo, Mulher-Gato, foi lançado 20 anos depois, em 2004. Depois dele, tivemos Elektra (2005), Mulher-Maravilha (2017) e, recentemente, Capitã Marvel, de 2019.

A hegemonia masculina, no entanto, não se restringe ao protagonismo dos filmes desse gênero cinematográfico. Ela também é encontrada atrás das câmeras. De acordo com o relatório anual do Centro de Estudos sobre Mulheres na Televisão e no Cinema da Universidade Estadual de San Diego, publicado em 2020, a participação de mulheres nos bastidores dos filmes (direção, produção e edição) com maior bilheteria no ano de 2019 foi a maior já registrada ao longo da história, sendo 21% do total de profissionais. Entre os profissionais de direção, as mulheres representaram 13% dos filmes principais

(Schaffstall, 2020). Aqui é importante ressaltar que, apesar desse aumento, a participação feminina nesse setor laboral ainda é mínima. Isso fica ainda mais claro se observarmos os dados do relatório *The Celluloid Ceiling: Behind-the-Scenes Employment of Women on the Top 100, 250, and 500 Films of 2019*, do Centro de Estudos sobre Mulheres na Televisão e no Cinema da Universidade Estadual de San Diego, que faz o monitoramento sobre o emprego das mulheres nos bastidores dos principais filmes do cinema norte-americano, divididos em três categorias (top 100, 250 e 500), tendo acompanhado, assim, mais de 70 mil filmes nos últimos 22 anos.

Na categoria top 500 filmes mais rentáveis de 2019, observa-se que as mulheres representavam 23% do total de diretores, escritores, produtores (responsável pela concretização do filme) produtores executivos (responsável pela parte financeira para concretização do filme), editores e diretores de fotografia. Em contraste, 63% dos filmes contrataram 10 ou mais homens para trabalhar nesses cargos. Em relação ao gênero cinematográfico, as mulheres trabalharam mais em documentários (27%), seguido por comédia (25%) e drama (24%) e, em menor porcentagem, nos filmes de ficção científica (21%) e ação (14%), gêneros em que se enquadram os filmes de super-heróis e super-heroínas, objeto deste trabalho.

Esse mesmo padrão de participação feminina minoritária se repete nas categorias top 250 e 100 filmes. Um aspecto que vale a pena ser ressaltado nos dados apresentados nesse relatório é o fato de que filmes que possuem ao menos uma mulher diretora empregam também uma maior porcentagem de mulheres em cargos-chave por trás das câmeras do que aqueles que possuem exclusivamente homens diretores. No caso de uma direção feminina, 59% de escritores são mulheres; em uma direção masculina, apenas 13%. No cargo de edição, as mulheres compreendem 43% quando há uma diretora e 19% quando os filmes possuem direção exclusivamente masculina. Já nos cargos de cinegrafia

e composição musical, quando há uma diretora, as mulheres compreendem 21% e 16% nesses cargos, respectivamente; enquanto com diretores, apenas 2% e 6% nesses cargos, respectivamente (Lauzen, 2020).

Outro aspecto importante é o fato de que a participação feminina minoritária atrás das câmeras se reproduz também nas premiações. Assim, na organização da Academia, responsável por entregar o maior prêmio de Hollywood, o Oscar, em seus 92 anos de existência, apenas cinco vezes mulheres foram nomeadas para concorrer na categoria de melhor direção de filme, com uma única vencedora, que foi a diretora Kathryn Bigelow, com o filme *Guerra ao Terror*, em 2010. Assim, por meio dessa rede de homens que trabalham majoritariamente com homens, com um público possuindo duas vezes mais chances de assistir a personagens masculinos nos filmes de maior bilheteria em 2019 e sendo julgados e premiados por academias formadas por homens brancos (Lauzen, 2020), a indústria cinematográfica passa a ser um dos piores ambientes no que se refere à igualdade de gênero.

Para além dos dados objetivos da desigualdade de gênero discutidos até agora temos que ter em mente que o cinema é tido como uma arte de massa, que influencia fortemente o modo como seus telespectadores percebem, estruturam e reconstroem a realidade que os cerca direta e indiretamente (Hobsbawn, 1988). Assim sendo, o cinema, assim como outras fontes e documentos históricos, é produzido, lançado e demarcado em um determinado período, seguindo valores de uma época e de uma cultura. Como exemplo disso, temos as diferentes perspectivas trabalhadas nas refilmagens, como as montagens de cenário e fotografia, foco em narrativas que trazem questões do período atual no qual surge o filme, roteiro e direção.

Um caso em que se é possível acompanhar essa trajetória histórica é o da franquia de filmes 007 – James Bond, que teve seu primeiro filme lançado em 1962 e previsão de

lançamento para mais um em 2021 ou 2022 (Carneiro, 2020). Nos primeiros filmes, este personagem possuía porte atlético e se apresentava com charme e virilidade, características tipicamente atribuídas ao padrão de êxito do gênero masculino (Kaya et al., 2018). Ele tinha como um de seus principais traços a sedução e uso de mulheres, o que as transformavam unicamente em seu objeto de prazer, sendo esse um dos comportamentos masculinos mais incentivados tradicionalmente (Mahalik et al., 2003). No entanto, desde o final dos anos 2000, o comportamento do personagem principal em relação às mulheres vem mudando, numa tentativa de responder às críticas feministas. Assim, por exemplo, o último ator a interpretar o agente, Daniel Craig, traz a necessidade de adaptação de seu personagem às mulheres poderosas, bem como discute a sua relação com questões de masculinidade (Carneiro, 2020).

Desse modo, é possível perceber a dialética existente entre o contexto social vigente, o que dele está sendo representado por meio dos filmes, como a própria sociedade receberá essa representação e o que fará a partir dela. Isso porque, segundo Kornis (1992, p. 239), “o filme adquiriu de fato o estatuto de fonte preciosa para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores, das identidades e das ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico”, demonstrando seu poder representativo e interpretativo da realidade.

E é justamente o aspecto do cinema enquanto representação de um determinado momento histórico onde residiria a interface entre a indústria cinematográfica e a Psicologia Social por meio da Teoria das Representações Sociais, que advoga a importância central da linguagem e dos seus simbolismos para a compreensão do mundo que nos cerca. Sendo a linguagem aqui entendida a partir de uma amplitude de possibilidades. Dito de outra forma, além da linguagem escrita e a falada, podemos considerar outros diferentes meios, tais como: documentos, vestimentas, imagens, filmes,

iconografia entre outros. Desse modo, o cinema também se apresenta como uma forma de linguagem e uma fonte de construção e/ou desconstrução de representações sociais (Jodelet, 1989; Nascimento-Schulze & Camargo, 2000).

A partir da revisão sistemática da literatura científica sobre as pesquisas que trabalham com representações sociais da mulher no Brasil e na América Latina (Diniz, 2018), foi visto que há uma polarização na forma como a ciência está trabalhando com a temática. Isto é, as mulheres costumam ser objeto de estudo ou participantes de pesquisas relacionadas à maternidade e corpo, violência e saúde ou, por outro lado, a um feminino que foge do socialmente esperado a elas, referindo-se a questões como a impossibilidade da maternidade e a AIDS. Destarte, partindo do conhecimento desse universo científico, teoricamente considerado como um dos pontos iniciais da representação social de um objeto social, buscamos conhecer como estaria sendo representada a mulher pelo senso comum. Assim, nos perguntamos: quais são as teorias do senso comum sobre a mulher? Será que essas teorias se modificam quando a mulher está em um ambiente majoritariamente masculino, como da indústria cinematográfica e, especificamente, os filmes que têm mulheres como da super-heroínas?

Para melhor compreendermos essas questões, juntamente com a Teoria das Representações Sociais, é interessante levarmos em consideração um dos conceitos que interfere, mas que também sofre interferência dessa divisão polarizada e ambivalente da imagem da mulher: o sexismo. Inicialmente, esse construto surge seguindo a clássica definição de preconceito dada por Allport (1954, p.10) como sendo uma “antipatia baseada em uma generalização defeituosa e inflexível”, de modo que exista a crença na inferioridade e/ou na diferença negativa das mulheres enquanto grupo (Torres et al., 2019). Para que tais crenças e ideologias possam ser socialmente compartilhadas, as imagens são importantes ferramentas das quais se utilizam. No caso das mulheres, essas

imagens podem servir como um pedestal ou como uma monstruosidade ou aberração (Álvaro & Fernandez, 2006).

O caráter polarizado também pode ser percebido no sexismo. Sendo assim, para Glick e Fiske (1996), essas imagens e atitudes positivas voltadas às mulheres concorrem com as imagens e atitudes negativas às mesmas e, por esse motivo, passa a ser visto como sexismo ambivalente. Este, por sua vez, caracteriza-se por sua divisão complementar em sexismo hostil e sexismo benevolente. Sua faceta hostil é vista de forma mais explícita e facilmente notada, já que uma de suas principais expressões se dá por meio da violência de gênero, enquanto o benevolente se expressa sutilmente e aparente ser positivo, visto que protege e enaltece as mulheres, estando entranhado na estrutura social paternalista.

Apesar desses diferentes mecanismos utilizados, ambos objetivam a mesma manutenção de uma sociedade patriarcal, em que a mulher se encontra de maneira normativa e submissa ao homem (Glick & Fiske, 2001). Exemplificando, temos que as mulheres que assumem papéis tradicionais com base na divisão sexual dos papéis e estereótipos de gênero (ex.: “donas de casa” ou “mocinhas” em filmes de romance) são “recompensadas” com solicitude benévola, enquanto as que rejeitam (ex.: políticas de esquerda e feministas) são penalizadas com hostilidade e têm suas imagens modificadas, o que já se observa desde a infância (Blakemore, 2003). Por isso que, segundo Jackman, “quando a luva de veludo do sexismo benevolente falha em manter a mulher no lugar dela, o punho de ferro do sexismo hostil emerge” (1994, como citado em Connor et al., 2017, p. 6), sempre buscando reforçar a dominação masculina.

Assim, diante do exposto, neste trabalho nos perguntamos quais os conteúdos representacionais das super-heroínas? Como essas representações podem se relacionar com a manutenção do tratamento desigual e sexista que as mulheres encaram na realidade? Ademais, quando adentramos em uma realidade que, historicamente, vem

sendo dominada pelo gênero masculino, como é o dos filmes de ficção, acreditamos que surgirá uma ambiguidade nessa maior participação feminina, isto é, no quesito de quebra do teto de vidro, pois ainda temos a apresentação de uma imagem socialmente dentro dos padrões estéticos e sexistas. Assim, qual seria a consequência dessa imagem empoderada, porém ainda sexualizada em alguns casos? Desse modo, as super-heroínas estariam contribuindo para uma mudança na representação social e nos papéis direcionados às mulheres?

Portanto, o presente trabalho possibilitará uma expansão na literatura sobre os diferentes meios de investigação das representações sociais em Psicologia Social, já que a literatura que realiza uma análise dessa categoria midiática está, em geral, nas áreas de comunicação e artes, desenvolvendo uma determinada forma de estudo, baseada em estudos culturais e análises de conteúdo dos personagens e do filme, de acordo com seus respectivos teóricos.

Somado a isso, este trabalho amplia a perspectiva de estudo em Psicologia Social sobre o papel da mídia no desenvolvimento de crenças, normas, estereótipos e representações sociais, visto que a maioria desses estudos tratam restritamente sobre a exposição a conteúdos violentos correlacionada a comportamentos agressivos. Logo, resulta em uma lacuna no trabalho relacionado a imagem de gênero que está sendo transmitida pelas personagens e suas consequências. Lacuna que este trabalho busca preencher por meio da atualidade do tema das super-heroínas e seu local social, objetivando analisar as representações sociais sobre: a) as mulheres no geral; b) as super-heroínas; c) homens no geral e d) os super-heróis, considerando se elementos da divisão sexual de papéis surgem nesses conteúdos representacionais e se afetam a tomada de posição frente à igualdade de gênero.

Abordagem das Representações Sociais

A Abordagem das Representações Sociais, tradicionalmente conhecida como Teoria das Representações Sociais (TRS), foi escolhida como referencial teórico para este trabalho porque ela oferece uma base fundamental para a visualização e o entendimento de fenômenos que ocorrem na interseção entre aquilo que é individual e o contexto social que está por trás dos indivíduos, dos grupos e do desenvolvimento dessas relações. Desse modo, ela permite uma melhor compreensão dos acontecimentos que influenciam, de forma dialética, as características sociocognitivas e simbólicas individuais, sociais e ideológicas (Abric, 2001). Sendo assim, ela é capaz de relacionar o nosso objeto de estudo em diferentes níveis de análise, desde os filmes como sendo algo macrossocial, as formas como as imagens das mulheres são construídas ou reforçadas por meio deles e o impacto dessas construções sociais nos comportamentos de indivíduos e grupos.

Seu início se deu em 1961, com a obra seminal *La psychanalyse, son image et son public*, do psicólogo social Serge Moscovici. Com esta obra, ele pretendia investigar como a psicanálise estava sendo retratada pelas revistas e recebida pelos diversos públicos da sociedade francesa. Isto é, ele intencionava pesquisar como o conhecimento proveniente do universo científico, ou seja, da psicanálise, era transformado e apreendido pelo universo consensual, que é o conhecimento da população geral. Por esse motivo, pode-se definir as representações sociais como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2002, p. 22).

As teorias do senso comum teriam como objetivo conhecer como os sujeitos consomem a informação, interpretam-na e constroem a realidade e suas relações, tanto de forma simbólica, quanto objetiva (Cabecinhas, 2004). Por isso, trata-se de uma forma psicossociológica da construção, desconstrução e/ou reconstrução do conhecimento. Esse conhecimento, por sua vez, serve como guia para orientar os comportamentos dos sujeitos

e dos grupos sociais. Além dessa função de orientação, as representações sociais possuem as seguintes funções: de saber, possibilitando o conhecimento da realidade social; identitária, pois define a identidade e especificidade dos grupos, bem como são construídas de acordo com eles; e a justificadora, já que justifica posicionamentos e comportamentos (Abric, 1998).

Quando falamos de sujeitos sociais, que apreendem a realidade e a transforma, é importante ressaltar que a TRS se utiliza da concepção de sujeitos ativos e criativos, que não são apenas um recipiente para a informação transmitida pelos canais de comunicação, mas que constroem e/ou reconstróem seus conhecimentos, objetos sociais e realidade ao redor a partir de seus grupos sociais (Arruda, 2002). Além disso, também são sujeitos que influenciam na construção e atualização de representações sociais. Esse movimento de elaboração se faz por meio de dois processos dialógicos fundamentais da Teoria: a objetivação e a ancoragem.

A objetivação refere-se ao modo como os elementos que constituem a representação tomam forma em uma imagem, passando de algo abstrato para algo material, perceptível e natural, transformando-se em um conceito concreto que faz parte da realidade social. Já o processo de ancoragem permite a vinculação de algo novo, considerado estranho, às categorias previamente formadas e familiares, classificando e o nomeando a fim de facilitar o seu reconhecimento em situações futuras (Moscovici, 2007). E, apesar de explicados separadamente, ambos os processos se articulam e necessariamente se relacionam a fim de possibilitar a existência de “conexões entre as abstrações do saber e das crenças e a concretude da vida do indivíduo em seus processos de troca com os outros” (Chaves & Silva, 2013, p. 424) e construir as representações sociais.

Além desses processos, a representação social também vai requerer um objeto. Por sua vez, este objeto pode ser uma pessoa, uma coisa, um símbolo, um material etc., desde que possua um conteúdo com sentido e significado e tenha sido inicialmente construído por um sujeito social (Jodelet, 2002). Esse sujeito social sempre estará inscrito em um grupo social, possuindo assim identidade ou identidades sociais, partindo de uma cultura e de condições particulares de seu período histórico-social (Arruda, 2002). E é assim, a partir desse alicerce social, simbólico, comunicacional e ideológico, que surgem os objetos sociais dos quais as representações sociais se relacionam dialeticamente e configuram uma abordagem sociológica de psicologia social (Sousa, Santos & Neto, 2019).

De acordo com Sousa, Santos e Neto (2019), esses objetos sociais, produtores e produtos de representações sociais, são compreendidos como algo que pode possuir materialidade ou ser do âmbito do imaginário, mas que, necessariamente, impregna-se de sentidos, significados, determinadas características, valores e normas sociais quando passa a constituir a dinâmica grupal e comunicacional das relações e práticas sociais. Assim, considerando o que já foi dito sobre as funções das representações sociais, os processos de ancoragem e objetivação, o sujeito e o objeto social, podemos entender porque as representações sociais de uma entidade podem variar de acordo com os grupos sociais, o período histórico, as culturas e os meios de comunicação.

Outrossim, a forma como essas representações sociais são comunicadas e elaboradas varia de acordo com as seguintes modalidades: difusão, propagação e propaganda. A difusão consiste em informar e alastrar a mensagem para os diversos grupos sociais, sem o objetivo de se envolver ou sistematizar o assunto, tendo como princípio a moderação da informação. Por esses motivos, é capaz de atingir um grande público, como ocorre com o cinema. Já a propagação objetiva uniformizar a mensagem

para determinado grupo social a fim de estrutura-la e harmonizá-la com os princípios do grupo, que poderá fazer uso dela, a exemplo do que é feito por meio da música gospel. Por fim, a propaganda incide em situações de conflito, buscando ressaltar aspectos polêmicos e opções de como um grupo pode se posicionar, o que também pode ser visto na repercussão de um filme (Moscovici, 1961/2012; Vala & Castro, 2013).

Ademais, além dessa variação, existem as diferentes abordagens teórico-metodológicas para se estudar essas teorias do senso comum e seus objetos. É importante ressaltar que não há uma abordagem melhor que a outra, mas sim um desenvolvimento mais aprofundado de determinados aspectos. Como dito anteriormente, a TRS teve seu início com Moscovici em 1961, sendo trabalhada nessa mesma perspectiva por Denise Jodelet. Ambos constituem a abordagem que pode ser denominada de dimensional, processual, genética ou dinâmica, pois se preocupam com os processos de construção social das representações e a organização de seus sistemas cognitivos e sociais (Arruda, 2002).

A abordagem estrutural, mais centrada em processos cognitivos, trabalha pela perspectiva do núcleo central e sistemas periféricos estruturantes da representação social, foi inaugurada por Jean-Claude Abric em 1976. Também conhecida como a teoria do núcleo central, defende que a representação social se divide em dois sistemas que a estruturam e organizam, sendo eles o central e o periférico (Costa & Tilio, 2020). O núcleo central consiste no cerne ou núcleo rígido da representação, sendo a parte mais estável e significativa, e possui as características de criação e/ou transformação das representações, bem como a de unificação e estabilização. Assim, é a partir dos elementos do núcleo central que conhecemos melhor o objeto social e a relação que este possui com os contextos e grupos sociais (Chaves & Silva, 2013).

Em torno do núcleo central temos o sistema periférico, subdividido em primeira e segunda periferias e zona de contraste. Este sistema tem como suas principais funções a proteção do núcleo central; a atualização do conteúdo a partir da interação com a realidade e novidades do contexto, de modo a adaptar a representação social; e, por último, possibilitam a concretude da representação na realidade. Por esses motivos, o sistema periférico é tido como mais flexível, em constante contato com a realidade, as diferenças contextuais e especificidades grupais, permitindo, assim, as diferenças e a evolução das representações sociais (Chaves & Silva, 2013).

É justamente devido aos elementos pertencentes ao núcleo central de uma representação social que, de acordo com Abric (2001), os objetos sociais se diferenciam e são passíveis de comparação. Dito de outra forma, a representação social de um objeto social vai caracterizá-lo e diferenciá-lo de outros objetos a partir de seus elementos centrais e periféricos exclusivos e, por outro lado, vai colocá-lo como igual a outro objeto social se ambos compartilharem do mesmo núcleo central e sistemas periféricos (Sá, 1996). Logo,

as manifestações da representação diferem apenas quanto às cognições periféricas condicionais, mas não quanto às cognições absolutas do sistema central, que proporcionam o significado básico da representação e organizam globalmente os elementos periféricos, tanto os que se atualizam em uma das manifestações quanto os que o fazem na outra (Sá, 1996, p. 24).

A estabilidade existente no núcleo central das representações sociais não significa que ele não possa vir a ser atingido e transformado pelas atualizações ocorridas na realidade social, visto que essa estrutura também é dinâmica devido aos sistemas periféricos e às relações intergrupais. Dessa forma, esse constante diálogo das representações sociais com a realidade e os diversos contextos proporciona uma possibilidade de adaptação, integração ou exclusão de certos atributos, de modo a desgastar a proteção feita pelo sistema periférico e se inserir gradativamente, até chegar

na composição do núcleo central. Com isso, pode surgir uma nova representação social, ou não (Chaves & Silva, 2013; Sá, 1996).

Seguindo essa linha de pensamento, Flament (1994) traz o desenvolvimento teórico de dois conceitos que problematizam a teoria do núcleo central: representações autônomas e representações não autônomas. As representações autônomas podem ser definidas como sendo aquelas que possuem o princípio organizador situado no próprio objeto, ou seja, o núcleo central daquele objeto possui as características definidoras vinculadas apenas a ele mesmo. Já as representações não autônomas são aquelas em que o núcleo central se situa em um outro objeto social, de forma mais ampla, que abarca e se relaciona com esse e/ou outros objetos sociais (Abric, 2001; Sá, 1996). Em geral, essas representações não autônomas fazem referência a objetos sociais relativamente novos ou recentes e, por isso, podem se basear em representações anteriores, que já são mais autônomas. Um exemplo clássico de representação não autônoma é o da AIDS em um período anterior a ela, em que era englobada por representações de outras doenças (Wachelke & Camargo, 2007).

Juntamente a esse avanço na teoria, os teóricos da abordagem estrutural também contribuíram com o seu desenvolvimento metodológico a partir de novas técnicas de coleta e análise de dados. Um exemplo delas é a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), utilizada nesta investigação, e o uso de *softwares* para análises quantitativa e qualitativa da estrutura e conteúdo da representação social, como o IRAMUTEQ, o EVOC e o TRI-DEUX-MOTS.

Por fim, temos a abordagem societal das representações sociais aprofundada pela Escola de Genebra, em que Wilhem Doise é seu principal autor. Ele traz uma perspectiva mais quantitativa, sociológica e dialógica com a política e a realidade social (Arruda, 2002; Elcherath, Doise & Reicher, 2011). Sobre esse diálogo constante com a realidade

social, Castro e Vala (2013) trazem que esse contato com as inovações, entre os grupos e entre as instituições e sociedade é um dos principais responsáveis pelas transformações que surgem nas representações sociais, onde o cinema pode ser um desses agentes. Dessa forma, com esse movimento de mudanças, comunicação entre os sistemas e reapropriações contínuas de conteúdos sociais, podemos perceber o caráter histórico das representações sociais (Villas-Bôas, 2010).

Conhecida, portanto, como sendo uma abordagem do tipo guarda-chuva, as representações sociais também abarcam os estereótipos. Assim como aquelas, os estereótipos abrangem fatores de caráter cognitivo, afetivo e pragmático de grupos sociais, exercendo funções ora positivas, pois permitem uma economia cognitiva e autoimagem positiva, ora negativas a depender do contexto, já que possibilitam o automatismo e a generalização, bem como hierarquização de grupos e base para a justificação de um sistema desigual (Arruda, Gonçalves & Mululu, 2008; Techio, 2011). Desse modo, Techio (2011) traz que os estereótipos podem ser definidos como imagens, crenças ou esquemas organizados de forma simplificada acerca dos grupos e de seus participantes, que dão significado aos comportamentos intergrupais. Nesta pesquisa, investigamos como ocorre a atribuição de estereótipos às super-heroínas e super-heróis e sua relação com as representações sociais e sexismo.

Considerando o que já foi dito anteriormente, este trabalho busca, a partir de uma perspectiva que articula essas diferentes abordagens, analisar as representações sociais da mulher, da super-heroína, do homem e do super-herói, como são construídas e conhecer como podem guiar os comportamentos a partir dos discursos dos sujeitos sociais. Além de aprofundar o conhecimento teórico e metodológico de pesquisa em TRS sobre esses objetos sociais e os meios de comunicação que os constroem, como é o caso do cinema. Igualmente, propor uma reflexão sobre a situação da mulher por trás e na frente das telas,

relacionando-a com a formação de normas sociais, divisão de papéis de gênero e o sexismo ambivalente, bem como as possibilidades de mudança social provenientes dos discursos dessa grande mídia.

Panorama Geral

De acordo com a teoria sociocognitiva do desenvolvimento e diferenciação de gênero de Bussey e Bandura (1999), as mensagens transmitidas pela mídia agem como uma fonte que influencia o desenvolvimento de saberes, competências e papéis sociais relacionados ao gênero. E, como sabemos, a mídia não está isenta de ideologias e valores, visto que ela possui funções a partir da modalidade de comunicação de representações sociais que objetiva (Moscovici, 1961/2012; Santos, 2014). Consequentemente, a mídia de grande massa se relaciona fortemente com a aderência e transmissão de papéis de gênero tradicionalmente ligados a mulheres e a homens (Dietz 1998; Eagly, 1987; Glaubke, Miller, Parker & Espejo, 2001; Mastro & Behm-Morawitz 2005; Mastro & Behm-Morawitz, 2009; Morgan, 1982; Signorielli, 1989; Signorielli & Bacue 1999; Signorielli & Kahlenberg, 2001; Ward & Friedman, 2006).

Partindo da relevância da mídia para a construção de representações sociais e sua consequente influência na divisão sexual dos papéis e nas relações intergrupais, esta dissertação se divide em dois estudos, que se complementam e buscam conhecer como os elementos da divisão sexual de papéis e estereótipos de gênero surgem nesses conteúdos representacionais e a forma como afetam a tomada de posição frente à igualdade de gênero.

No Estudo 1, tínhamos as hipóteses de que os filmes de super-heroínas têm sido vistos com menos frequência que os de super-heróis devido a diferença quantitativa entre eles, mas que existem diferenças nas características estereotípicas atribuídas a ambos. Em relação a ascensão de protagonistas femininas neste gênero cinematográfico, pensamos que os homens vão concordar menos e as justificativas para essa tomada de posição dependerá do grupo ao qual o respondente faz parte ou se identifica. Nesse estudo, foi aplicado um questionário e realizada uma análise lexical com base na Classificação Hierárquica Descendente (CHD) das respostas dadas a ele com auxílio do *software*

IRAMUTEQ. No Estudo 2, tínhamos as hipóteses de que as mulheres e as super-heroínas seriam representadas de modo semelhante e seguindo um papel tradicional de gênero, enquanto os homens e super-heróis teriam, cada um, seu local social de acordo com o esperado da masculinidade. Para verifica-las, foi realizada uma análise prototípica dessas respostas também com auxílio do *software* IRAMUTEQ.

“Para que se possa enxergar além dos estereótipos”: a representatividade de protagonistas femininas

Uma vez que a indústria cinematográfica é um espaço cuja a hegemonia masculina ainda está presente na atualidade, este estudo teve como objetivos: a) investigar se os filmes de super-heroínas têm sido vistos com frequência semelhante aos de super-heróis; b) se existem diferenças nas características atribuídas à super-heróis e super-heroínas; c) se existe concordância com a ascensão de protagonistas femininas neste gênero cinematográfico; d) quais as justificativas para essa tomada de posição e e) se o sexo do participante afeta as tomadas de posição frente à essas questões.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 206 estudantes universitários de primeiro período dos cursos das áreas de saúde (28,6%), humanas (48,1%) e exatas (23,3%), sendo 57,3% mulheres e 42,7% homens, com idades variando de 18 a 41 anos ($M = 20$; $DP = 3,44$). A decisão de restringir à amostragem ao primeiro período, neste e no segundo estudo, justifica-se pelo fato de serem discentes, em sua maioria, jovens mais próximos da faixa etária da adolescência, entre os quais o debate sobre a divisão sexual dos papéis ainda não é tão frequente como acontece nos períodos mais tardios. A classe social, em sua maioria, era a classe média (46,6%) seguida pela classe média baixa (34,5%), classe baixa e média alta (9,2% cada) e classe alta (0,5%). Em relação à cor da pele autodeclarada, os participantes se definiram como brancos (45,6%), negros (6,3%), pardos (46,1%) e outros (1,9%).

Procedimentos e Instrumentos

A amostra foi não probabilística por conveniência. A aplicação do questionário foi realizada em contexto de sala de aula, após a anuência dos professores e dos

estudantes. Os participantes responderam ao questionário sociodemográfico, que continha questões referentes à idade, gênero, curso, cor e classe social. E à algumas perguntas abertas relacionadas aos filmes do gênero de super-herói e super-heroína, tais como: “Qual foi o último filme do gênero de ficção de super-herói e super-heroína que você assistiu?” e se saberia responder se a direção foi feita por um homem ou por uma mulher, além das características da personagem principal que mais chamaram atenção. Por fim, era perguntado sobre a concordância com a atual ascensão de protagonistas femininas nesses filmes, pedindo para justificar a resposta afirmativa ou negativa. A partir dessas perguntas, poderíamos responder aos nossos objetivos.

Análise dos dados

A análise das questões abertas foi realizada por meio do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), que permite a realização de análises quantitativas do conteúdo lexical, das mais simples até as mais avançadas. As respostas foram submetidas ao método de análise da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que reparte e organiza pequenos segmentos de textos segundo o vocabulário, que pode ser tanto similar quanto diferente, utilizado pelos participantes em classes. Essas classes, bem como a relação entre elas, são ilustradas por um dendrograma, que possibilita uma análise quantitativa e qualitativa das respostas (Camargo & Justo, 2013).

Já as respostas dadas no questionário sociodemográfico, bem como na escala e questões fechadas, foram analisadas com o auxílio do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 20, por meio de estatísticas descritivas.

Resultados e Discussão

Para conhecermos os filmes que mais foram vistos pelos participantes, fizemos uma porcentagem de acordo com a junção de todos os filmes referentes à mesma série. Assim sendo, temos que os cinco últimos mais assistidos foram, em ordem: Vingadores (33,6%), Homem Aranha (17%), Mulher Maravilha (5,3%), Capitã Marvel (3,9%) e Pantera Negra (3,4%). Desses filmes, a série dos Vingadores é formada por uma reunião dos super-heróis e super-heroínas do *MCU* (Universo Cinematográfico Marvel), criada em resposta à Liga da Justiça da *DC Comics*, e com a finalidade de defender o mundo dos civis e dos não-civis. Homem Aranha, Capitã Marvel e Pantera Negra participam da formação dos Vingadores, mas também possuem seus próprios filmes. Dentre esses, o Homem Aranha é o único que possui uma série e a Mulher Maravilha é a única da *DC Comics* presente aqui, sendo a primeira super-heroína a possuir um filme próprio.

No que se refere ao cargo de direção de filmes, que é central para a realização de uma obra cinematográfica, perguntamos se os participantes saberiam dizer se o último filme desse gênero que assistiram havia sido dirigido por um homem ou por uma mulher. Um pouco mais da metade dos participantes (57,8%) responderam que não sabiam ou que foi dirigido por um homem (37,4%). Apenas 1% respondeu que foi dirigido por uma mulher. Dentre os cinco filmes mais assistidos, Mulher Maravilha foi o primeiro a ser dirigido por uma mulher, Patty Jenkins, abrindo espaço para que Capitã Marvel fosse lançado como primeiro filme de super-heroína da Marvel, sendo co-dirigido por Anna Boden e Ryan Fleck.

Em relação às características atribuídas aos (às) personagens principais dos filmes citados pelos participantes (Tabela 1), podemos dizer que essa é uma pergunta que pede para eles fazerem uma atribuição estereotípica das personagens e foi visto que, primeiro, os personagens dos filmes predominantemente masculinos (ex.: Homem de Ferro, Vingadores) receberam muito mais adjetivos, isto é, estereótipos atribuídos, do que os

femininos. De modo geral, isso pode ser explicado, em parte, pelo fato de existir uma maior quantidade de super-heróis, logo, uma maior diversidade de características. Essas, por sua vez, são criadas e recriadas de modo semelhante à questão da historicidade das representações sociais trazida por Villas-Bôas (2010), isto é, ao diálogo existente entre realidade e conteúdo ficcional, em que, a partir do momento que o autor cria um personagem, que pode ser baseado já em estereótipos positivos, o público reage a ele e, com o passar do tempo, pode incorporar essas outras características ao processo de criação, seguindo um ciclo que se retroalimenta. Além disso, pode estar relacionada com a lembrança desses personagens, em que características específicas recebem mais atenção, são fixadas e salientadas segundo o viés dos estereótipos (Techio, 2011).

Tabela 1

Apresentação das características atribuídas

	Filmes com mais personagens homens	Filmes com mais personagens mulheres
Características estereotípicas atribuídas	Força (15,5%) Inteligência (10,1%) Determinação (7,7%) Coragem (5,4%) Persistência (4,8%) Empatia (3%) Beleza (3%) Altruísmo (2,4%) Justiça (2,4%) Bondade (1,8%) Amor (1,7%)	Força (51,6%) Determinação (12,9%) Beleza (8,6%) Inteligência (8,6%)

Na Tabela 1, também podemos perceber que aos super-heróis são atribuídos mais papéis e possibilidades de presença nos espaços sociais do que às super-heroínas a partir do momento que a eles são atribuídas mais características estereotípicas. Em outras palavras, além de tudo que uma super-heroína faz, o super-herói pode fazer mais, sendo visto e reconhecido por isso. Dessa forma, há uma repetição do que acontece na realidade: aos homens, são dadas mais oportunidades e possibilidades de comportamentos que se adequam ao seu gênero em comparação às mulheres (Barros & Mourão, 2020). O que ocorre devido aos estereótipos de gênero, também constituintes de representações sociais, que descrevem, prescrevem e proscovem o que deve ser e o que deve fazer homens e mulheres a partir de suas características e significados atribuídos a elas (Sales-Oliveira, Villas-Boas & Las-Heras, 2016).

Ademais, podemos relacionar esses resultados com o Modelo do Conteúdo Estereotípico (Fiske et al., 2002), em que comumente se atribui mais traços de sociabilidade às mulheres e de competência aos homens. Nesse caso, vimos que todos os traços atribuídos às mulheres foram também atribuídos aos homens, que possuíram também outros traços associados a eles. Dessa forma, as possibilidades de atuação dadas aos homens são maiores, bem como a amplitude de acesso aos espaços públicos. Como exemplo, vemos que os homens se candidatam mais para vagas de emprego mesmo que não tenham toda a qualificação de currículo exigida para admissão (60% dos requisitos), enquanto as mulheres sentem a necessidade de atender a todos os requisitos (Tockey & Ignatova, 2018).

Além disso, de acordo com a Teoria da Ameaça do Estereótipo (TAE) (Santos, 2020; Steele & Aronson, 1995), aos grupos minoritários são atribuídos estereótipos que, dependendo do contexto em que estejam, vão servir como uma profecia autorrealizadora de “fracasso”. Isto é, ao se perceber em uma situação em que se reconhece como parte do

grupo minoritário e já se sabe o que comumente lhe é atribuído (uma crença estereotípica), o seu desempenho pode ser afetado. Assim, isso pode ser usado como uma forma de manter e reforçar uma estrutura de desigualdade entre homens e mulheres, já que os traços estereotípicos positivos vão ser mais creditados a eles (Conceição, Amorim & Pereira, 2020) e, conseqüentemente, será mantida a dominação masculina, o âmbito público para o homem, enquanto o trabalho não remunerado e o ambiente privado para a mulher.

Essa situação pode ser traduzida para a realidade concreta quando vemos que homens contratam mais homens para trabalhar na indústria cinematográfica (Lauzen, 2020), quando 59% dos brasileiros não se sentem à vontade com uma mulher liderando uma empresa (Kantar, 2019 como citado em Martinez, 2020), quando são atribuídos mais estereótipos positivos aos homens e esses não aceitam tão bem, ou com restrições, a ascensão de personagens femininas como protagonistas dos filmes de ficção e quando ainda serão necessários 257 anos para atingirmos a paridade de gênero na participação econômica e de oportunidade (Fórum Econômico Mundial, 2020). Dito isso, observamos como os estereótipos de gênero podem se materializar na realidade cotidiana e naturalizar o sexismo nos mais diversos espaços sociais.

Os estereótipos, por sua vez, se relacionam com as representações sociais, visto que compartilham de pressupostos, processos, produtos e conceitos, como bem explica Lima (2020):

O pressuposto fundamental adotado é o de que o solo onde se formam as representações e as cognições é o mesmo: o dos julgamentos sociais (Doise, 1972) e dos processos de construção da realidade social (Moscovici, 1981; Tajfel, 1982). Outrossim, o contexto de formação e difusão das cognições e representações é idêntico: o das relações intergrupais (Almeida, 2009). O objeto das duas perspectivas também é o mesmo: o processo de significação do ambiente social a fim de torná-lo previsível, manejável, enfim, familiar (Rateau, Moliner, Guimelli & Abric, 2012). Os principais conceitos dessas duas perspectivas são intercambiáveis e complementares: atitudes, crenças, opiniões, valores, representações sociais e ideologias (Fraser, 1994; Rouquette, 2010) (p. 34).

Por esse motivo, questionamos as justificativas para o posicionamento frente à essa atual ascensão de protagonistas femininas nesses filmes, em que a grande maioria respondeu que concorda (95,6%). Como a concordância foi hegemônica, foram retirados os que discordaram e analisadas as justificativas com base no gênero do participante. Dessa forma, torna-se possível conhecer as diferenças e semelhanças a partir da ancoragem segundo o gênero. As justificativas das 144 mulheres para tal posicionamento, bem como as relações que possuem entre si, podem ser vistas por meio do *Corpus* apresentado no dendrograma da Figura 1, onde foram citadas as palavras mais representativas, as frequências (f) e os valores do qui-quadrado (X^2).

Para essa análise, o IRAMUTEQ classificou 97 segmentos de textos, que representam 85,8% de aproveitamento para a CHD, e serão apresentados e discutidos de acordo com a lógica de sua partição. Inicialmente, houve a divisão do *corpus* em dois *subcorpora*, em que um originou as Classes 1 e 2, enquanto as Classes 3, 4 e 5 se aglomeraram no outro *subcorpora*. Em uma segunda partição, as Classes 1 e 2 se dividiram e, por outro lado, a divisão originou a Classe 5, permanecendo sozinha. Por fim, dividiram-se as Classes 3 e 4.

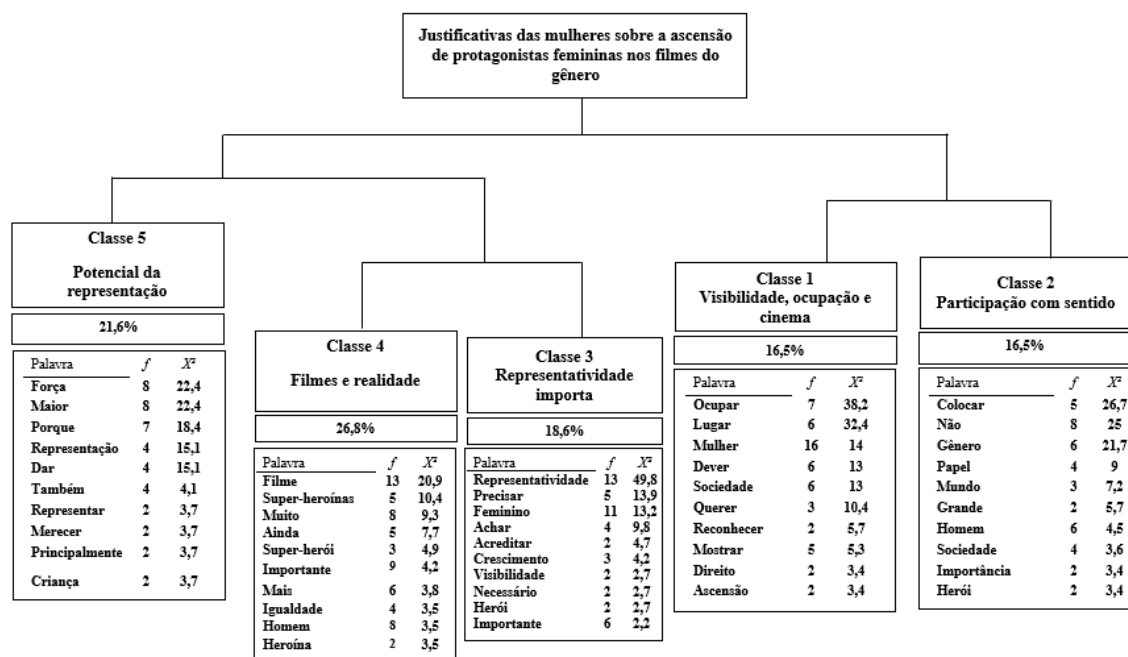


Figura 1. Justificativas das mulheres sobre a ascensão de protagonistas femininas nos filmes do gênero.

O *subcorpora* que traz as Classes 1 e 2 compartilha sentidos referentes à ideia de que a ocupação de um lugar na sociedade é um direito e um dever das mulheres. Assim, de forma dialógica, as protagonistas femininas estão em processo de maior ocupação nas telas do cinema devido à ascensão das mulheres na sociedade da vida real. Essa ascensão, por sua vez, é fruto de uma luta diária das mulheres pela garantia de seus direitos fundamentais. Porém, diferenciam-se a partir de justificativas que trazem um maior foco no próprio movimento das mulheres (Classe 1), enquanto há algumas ressalvas quanto a presença de uma militância vazia ou sem sentido (Classe 2).

A Classe 1, que representa 16,5% do *corpus*, foi denominada *Visibilidade, ocupação e cinema*, e traz a ideia de que a luta das mulheres por igualdade na sociedade precisa ser vista, refletida e valorizada também por meio dos filmes, como no exemplo: “Por a mulher ter passado tanto tempo sendo reprimida ela deve ocupar seu lugar na sociedade e uma das formas das pessoas perceberem isso é através dos filmes”. E estes, mediante ascensão de protagonistas femininas nesse gênero cinematográfico

principalmente, vão servir como uma forma de reconhecimento dessa luta, bem como do movimento das mulheres em busca de seus direitos e da mudança social.

Ademais, retrata o cinema como sendo um meio de comunicação capaz de atingir uma grande quantidade de pessoas, podendo exercer influência sobre suas percepções, crenças, representações, entre outros, o que pode ser observado em: *“Já que esses filmes são geralmente reconhecidos por grande público é bom mostrar que as mulheres também têm força coragem e também podem salvar o mundo”*. E nesse contexto, essa luta teria chegado até a mídia por meio dos filmes de super-heroínas, possibilitando também uma contribuição desse meio no reforço da importância da mulher na sociedade, sua ocupação em novos espaços e formas de atuação.

Assim, ressalta-se o papel da mídia como poderosa construtora de discursos e de imagens valorativas, de representações sociais e de que as mulheres também podem e devem ocupar esses e outros espaços, sejam eles considerados normativos ou contranormativos, como trazido em: *“A sociedade necessita de uma abordagem cultural sobre o assunto, dessa forma protagonizando a figura feminina nos meios culturais, familiarizaria a mulher no seu lugar de direito e, por sua vez, amenizando de alguma forma o machismo estrutural”*. Desse modo, essa participação feminina também representa uma possibilidade de resignificação da figura da mulher no imaginário social por meio das personagens de super-heroínas, permitindo a existência de uma representatividade e sua contribuição no processo de fortalecimento da imagem pessoal e grupal.

O que ocorre em decorrência da ação e influência do processo de difusão e propagação, dois dos sistemas de comunicação de representações sociais. Ou seja, a partir do processo de difusão, os filmes divulgam o objeto social para uma pluralidade de públicos sem o objetivo inicial de causar tensões, mas propor uma expansão e circulação

de ideias. Mas também há a incidência do processo de propagação, que busca propagar determinada ideia dentro de um grupo, objetivando seu fortalecimento e harmonização, a exemplo da associação entre super-heroínas e as possibilidades de atuação das mulheres na sociedade (Moscovici, 1961/2012; Santos, 2014; Vala & Castro, 2013).

Já a Classe 2, que compõe 16,5% do *corpus*, foi denominada *Participação com sentido*, e faz referência a conquista gradual de espaços como o cinema e na relevância que esse movimento tem, mesmo que esse ainda seja, de acordo com Lauzen (2020), um dos mercados mais desiguais para as mulheres. Apesar disso, a visibilidade que as mulheres possuem já se apresenta como um diferencial notável para o seu fortalecimento enquanto grupo social, bem como sua identificação, dado que a oportunidade de se ver presente nesse meio midiático permite que a ocupação dele seja vista como algo possível por outras mulheres, como trazido em: *“A mulher deve ser equiparada aos homens em todos os quesitos, direitos e deveres etc, e a mídia e o entretenimento são meios de extrema importância para engrandecer o papel e a importância da mulher na sociedade, promovendo a equidade entre os gêneros que só vem sendo conquistada nos dias atuais”* e *“Por muito tempo houve diminuição da figura da mulher e colocar ela em níveis altos ressignifica essa imagem”*.

Entretanto, como podemos perceber por meio do discurso *“Não vejo problema, apesar de não gostar muito quando isso é feito de forma militante apenas para colocar uma mulher naquele papel”*, está presente o pensamento de que essa participação feminina não pode ser feita de modo vazio ou manipulado, isto é, a presença pela simples presença, sem sentido, feita de forma apelativa ou perigosa, no sentido do jogo ideológico, de promover novas dominações e exclusões (Santos, 2014).

Assim, essa lógica da luta por um espaço para que mais pessoas de seu próprio grupo possam alcançar cada vez mais esse e outros ambientes, bem como para romper

com estruturas sociais hierarquizadas, pode ser retratado, principalmente, por meio do sistema de crenças na mudança social de Tajfel e Turner (1979), em que os grupos, somente em uma atuação coletiva, poderiam ascender socialmente e ter melhores condições de vida (Torres & Camino, 2013). Um dos principais exemplos está presente no pensamento das cotas raciais (Camino et al., 2014) e é possível perceber a presença dessa ideia também quando falamos sobre as mulheres e sua maior participação em espaços que são considerados contranormativos.

Por sua vez, seguindo a sequência das partições, a Classe 5, denominada *Potencial da representação*, é a segunda maior classe e permaneceu sozinha após a divisão do *corpus*, representando 21,6% dele. Em geral, ela traz a ideia da importância dessa representatividade das super-heroínas principalmente para crianças e adolescentes, especificamente meninas, pois elas já seriam apresentadas a mulheres poderosas desde novas, o que possibilitaria a construção de imagens de poder feminino, ampliando o leque de locais sociais ocupados pelas mulheres e transmitidos pela mídia, como pode ser visto em: *“É importante principalmente para meninas em fase de crescimento crescer se vendo representada em personagens femininas super-heroínas, dá a elas uma maior sensação de poder”*. Pois também, quando as crianças são educadas para ter outro tipo de relação com brinquedos, filmes e desenhos que assistem, pode haver uma mediação de sua perspectiva de estereótipos e papéis de gênero (Aley & Hahn, 2020; Lima et al., 2014), bem como auxiliar no processo de empoderamento.

Entretanto, cabe destacar a consciência crítica de que não é qualquer representatividade que importa ou que interessa para o verdadeiro empoderamento de um grupo social. Além disso, essa maior representação feminina nos filmes não implica dizer que há uma igualdade, nem fidedignidade com a atuação das mulheres na sociedade, sendo, inclusive, necessária a interseccionalidade de diversas categorias sociais, como

por exemplo: *“Porque é importante para as mulheres, principalmente na adolescência e infância, reconhecerem a si mesmas naquele modelo de mulher que representa força e independência, por isso é até muito importante que outros biótipos e padrões sociocultural de mulheres sejam representadas”*.

Ademais, no caso das mulheres, imagens hiperssexualizadas ou, contrariamente, ingênuas e indefesas, e de rivalidade feminina, ainda são passadas majoritariamente a fim de atingir o público e possibilitar maiores vendas, priorizando o capital da indústria cinematográfica. E essas representações podem não contribuir positivamente, visto que fortalecem estruturas patriarcais e papéis tradicionais de gênero. Assim, já se começa a questionar o sentido e as consequências da objetificação e sexualização de personagens (Behm-Morawitz, & Mastro, 2009; Saéz, Valor-Segura & Expósito, 2016).

Por outro lado, é importante atentar-se ao efeito do endosso institucional desse conservadorismo, que é capaz de alcançar o público jovem, em sua maioria homens, a exemplo da resistência feita frente a mulheres chefes de governo, onde 46% de homens e 59% de mulheres se sentem “muito confortáveis” nessa situação, em um contexto ainda mais agravado pela situação de pandemia (Batha, 2020), bem como foi visto por Linhares (2021) uma consequência desse efeito, em que os homens universitários culpabilizam mais a vítima de violência sexual, sendo atribuídos mais adjetivos negativos quando a vítima é negra. Outrossim, de acordo com Scharrer e Blackburn (2018), a exposição a programas de televisão que trazem vantagens e reforços positivos para comportamentos que representam papéis estereotipados de gênero funciona como um bom indicador do apoio e defesa de papéis tradicionais.

Posteriormente, o *subcorpora* que traz as Classes 3 e 4 sustenta a ideia em comum de que os filmes carregam em si um importante reflexo da sociedade, influenciando e recebendo influência da realidade. Devido a esse efeito, considera-se que a ascensão de

protagonistas femininas nesses filmes é relevante, dado que leva uma mensagem capaz de atingir vários grupos, mas principalmente as mulheres com o objetivo de quebrar paradigmas sexistas. Entretanto, elas se repartem de acordo com suas especificidades, isto é, enquanto a Classe 3 foca na importância da representatividade proporcionada por esses filmes, a Classe 4 abarca o impacto desses na estrutura social.

A Classe 4 contribui com a maior representação do *corpus* (26,8%) e foi denominada *Filmes e realidade*. Seus discursos englobam argumentos pontuais que estão presentes em todas as outras e, de forma mais específica, ela trata do ambiente dos filmes do gênero de ficção e traz a importância da presença feminina em constante crescimento nele. Essa presença mais abrangente, por sua vez, requer uma maior valorização do público, de modo a se igualar a dos super-heróis, já que as super-heroínas também possuem histórias e identidades marcantes a serem mais bem desenvolvidas por parte da direção. E essa atuação pode auxiliar na desconstrução de estereótipos tanto de personagens, como nas limitações impostas na vida real: “*É importante que as mulheres sejam representadas nesse tipo de filme para que se possa enxergar além dos estereótipos e para que possam se inspirar*”.

Por conseguinte, essa presença colaboraria para uma mudança de modo estrutural, impactando no pensamento machista da indústria cinematográfica, do grande público desses filmes e da sociedade no geral, iniciando esse processo desde o período da infância e adolescência, como trazido em: “*É muito importante que a figura feminina seja retratada como figura de poder para que haja a mudança do pensamento machista dessa indústria*”. Assim, essa nova representação social da mulher serviria tanto para diminuir os comportamentos machistas de homens, quanto para as próprias mulheres poderem se sentir representadas e possuírem uma nova forma de enxergar a si e suas relações interpessoais em vários contextos (Steyer, 2014), o que pode ser visto no discurso “*As*

mulheres precisam estar mais inseridas no meio em que os homens culturalmente estiveram muito presentes ao longo do tempo e isso cria um espaço de identificação para que outras possam chegar”, indo além dos papéis predeterminados.

Não obstante, observamos, concomitantemente, a manutenção da desigualdade de gênero, como a desigualdade salarial e a que se refere à participação das mulheres atuando nos filmes e outras mídias (Collins, 2011). Isto é, elas são direcionadas a mais papéis secundários, possuem menos tempo de participação ativa nas cenas e menos tempo falando em comparação aos homens. O que é corroborado pela contabilização realizada pelo jornal britânico *The Sun*, baseado no último filme dos Vingadores: *Ultimato*, em que os três personagens que passaram mais tempo presentes nas telas, em ordem, foram Capitão América (66 minutos), Homem de Ferro (62 minutos) e Thor (45 minutos). Já a mulher mais filmada, Nebula, ficou em 9º lugar geral, com 41 minutos (Sperling, 2019). E isso representa, ao todo, que os 11 heróis possuem três vezes mais tempo de tela, acumulando 381 minutos, que as 7 heroínas, com 116 minutos (Martin, 2019).

Por fim, temos a Classe 3, nomeada de *Representatividade importa*, que representa 18,8% do *Corpus*. Em geral, esta Classe possui argumentos de que é importante que existam personagens como as super-heroínas a fim de garantir a representatividade feminina, bem como haja uma presença contra-estereotípica, já que o crescimento que ocorre no cinema pode influenciar o que ocorre na sociedade e vice-versa, corroborado pelo discurso: *“É perceptível como a arte é uma representatividade da realidade então quanto mais crescemos no cinema melhor”*.

Desse modo, ponderam que a presença feminina em espaços considerados contranormativos é positiva no sentido de poder proporcionar uma transformação na forma como meninas e mulheres se enxergam como sujeitos sociais e de possibilidades de atuações diversas, considerando que o inverso já ocorre com os meninos e homens

(Aley & Hahn, 2020), o que pode ser visto em: “*É necessária a representatividade feminina nesse gênero qualquer mulher é uma heroína e as crianças precisam ter mais personagens para se identificar*”. Consequentemente, quanto mais filmes trouxerem uma representação social diferente da mulher tradicionalmente normativa, mais provável será o acontecimento de uma mudança de comportamentos sexistas. Apesar disso, vale ressaltar que não é só ter uma maior representação, mas também uma representação que demonstre o potencial das mulheres e seja incidente o suficiente para romper com a tradição.

Já as justificativas dos 81 homens para tal posicionamento formaram um *Corpus* de cinco Classes apresentado no dendrograma da Figura 2, juntamente com as palavras mais representativas, as frequências (f) e os valores do qui-quadrado (X^2). Nesta análise, o IRAMUTEQ classificou 60 segmentos de textos, que representam 75% de aproveitamento para a CHD. Vamos destrincha-la de acordo com a lógica de sua partição. Em sua partição inicial, houve a divisão do *corpus* em dois *subcorpora*, em que um originou as Classes 1, 2 e 5 e o outro, as Classes 3 e 4. Por último, na segunda partição, a Classe 5 se separou das Classes 1 e 2.

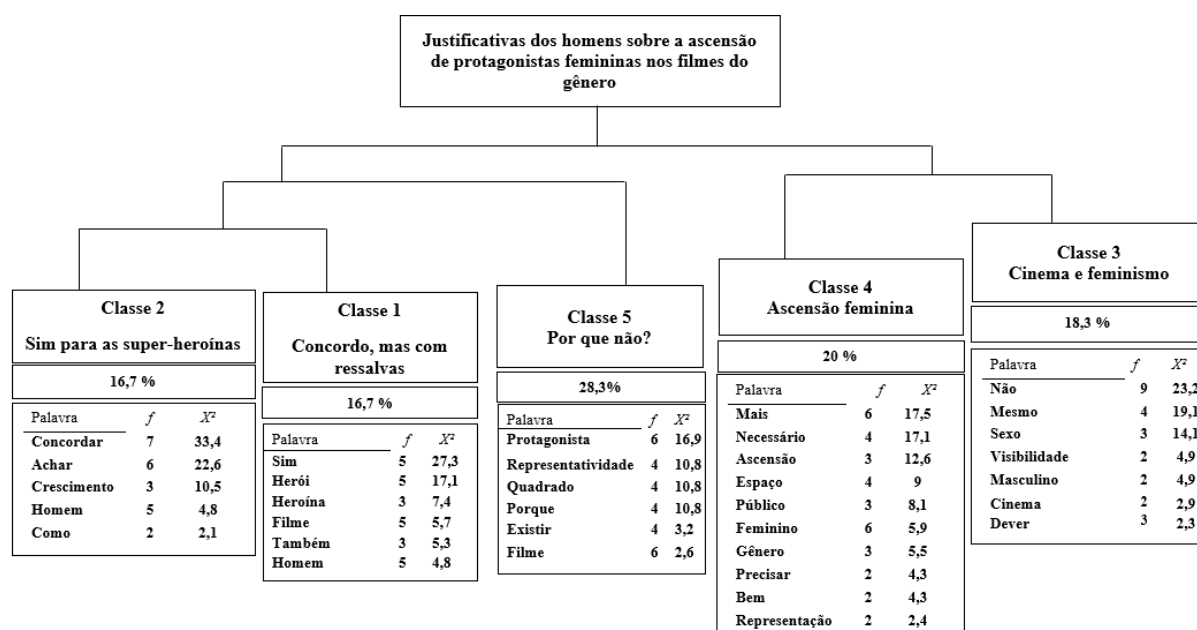


Figura 2. Justificativas dos homens sobre a ascensão de protagonistas femininas nos filmes do gênero.

A Classe 5, denominada *Por que não?*, foi a única que permaneceu isolada após a repartição do *corpus* e compõe 28,3% do mesmo. Como Classe mais representativa do *corpus*, ela traz a ideia geral de que a ascensão de protagonistas femininas nesses filmes pode auxiliar positivamente a busca e no fortalecimento da representatividade, que ainda é pequena quando se trata de super-heroínas nas telas do cinema, assim como o seu público feminino em comparação ao masculino (Coyne et al., 2014). Entretanto, como a história desses filmes geralmente surge a partir dos quadrinhos, traz o argumento da existência de muitas personagens femininas que poderiam ser adaptadas ao cinema e ter suas histórias protagonizadas nessa mídia também, como vemos em: “*Nos quadrinhos existe um número extenso de heroínas que faltavam ser adaptadas e todas com grande peso na representatividade*” e “*Pois como os filmes geralmente são derivados de quadrinhos é bom ver personagens femininas saírem do papel e ir para as telas*”.

Apesar de ser uma Classe mais ampla, ela traz um argumento específico de que se existem homens, por que não existir mulheres protagonistas de seus filmes de super-heroínas? Se existem personagens femininas nos quadrinhos, por que não terem suas histórias adaptadas ao cinema? De certo modo, traz uma ideia de que independe ser homem ou mulher a protagonizar, o principal é a boa qualidade da adaptação e construção do enredo, como no seguinte discurso: “*Contanto que o filme seja bom indefere o gênero*”. Com isso, percebe-se a existência de uma legitimidade e concordância com a manutenção dos filmes da forma como são, isto é, desconsiderando possíveis transformações que as representações das super-heroínas, sendo elas não tradicionais, podem trazer, a exemplo de uma maior flexibilidade dos papéis de gênero (Coyne et al., 2014).

Acompanhando o mesmo *subcorpora*, temos a Classe 1, que denominamos de *Concordo, mas com ressalvas*, e ocupa 16,7% do *corpus*. A ideia geral aqui presente é a de que haja essa ascensão de protagonistas femininas a fim de alcançar uma equiparação entre a quantidade de super-heroínas e super-heróis, já que a sociedade é formada tanto por homens, quanto por mulheres e ambos merecem estar presentes, bem como o público se ver presente nos filmes, como visto no discurso: “*A sociedade não é constituída apenas por homens todos temos que ser representados*”. Entretanto, essa concordância vai depender da qualidade da história da personagem e de seu mérito para “ganhar” o protagonismo de um filme desse gênero.

Além disso, há uma discordância quando se trata da adaptação de uma história que, originalmente, é protagonizada por um super-herói para que passe a existir sua versão com uma super-heroína, como vemos em: “*Não concordo em substituir personagens que sempre foram homens, mas adicionar ou equilibrar com heroínas acho certo*”. Possivelmente, o que está por trás desse posicionamento contrário é a percepção de que a indústria cinematográfica está sendo influenciada pelo momento dos movimentos sociais de cunho feminista, levando a um certo apelo econômico e publicitário exagerado para atingir mais públicos e seus próprios interesses, a exemplo de: “*Concordo, mas da forma que produzem acho muito exagerado, como se a principal intenção não fosse o filme em si, mas a causa que tem por trás*”.

Assim, alguns admitem que esse crescimento de protagonistas femininas é um resultado da luta feminista e assumem isso de forma negativa, pois acreditam que o enredo cinematográfico não deveria ser cruzado por movimentos e pautas sociais, como o feminismo e a igualdade de gênero. Uma possibilidade explicativa para essa rejeição é o significado que o termo “feminismo” carrega consigo, sendo associado a estereótipos negativos, como imagens de mulheres não femininas, que odeiam os homens e que, por

isso, objetivam “ser melhores que eles”. Consequentemente, provoca uma ameaça ao status quo e, por isso, os homens buscam agir de modo a manter o sistema em favor de seus próprios interesses, já que o consideram legítimo assim (Yeung, Kay, & Peach, 2014).

Com a mesma representação de 16,7% do *corpus*, temos a Classe 2, denominada de *Sim para as super-heroínas*. Em geral, esta Classe apresenta justificativas que seguem a mesma linha argumentativa, isto é, a de que é positiva a ascensão de super-heroínas protagonistas, pois, com isso, existe uma maior possibilidade de mudança de paradigma dos filmes desse gênero, como visto em: “*Finalmente o paradigma escroto de que heróis são apenas pra homens está sendo quebrado*”. E essa mudança é importante para as histórias fictícias e para o público, visto que ambas se relacionam de forma dialética e podem, a partir disso, construir novos discursos e estereótipos mais inclusivos, menos estigmatizantes e sexistas (Steyer, 2014). Por esse motivo, esta Classe se aproxima da Classe 1.

Ademais, também faz referência ao fato de que a mídia é uma construtora de estereótipos e isso, por sua vez, permite que ela desempenhe o papel de construir, reforçar ou desconstruir percepções, posicionamentos, representações sociais e relações intergrupais, como podemos ver nos seguintes discursos: “*A representação feminina é imprescindível para quebrar o estigma que só homens podem ser heróis*” e “*Se existe o estereotipo do herói deve existir também o da heroína*”. Exercendo, desse modo, um papel relevante para a manutenção ou transformação de práticas e estruturas de poder (Aley & Hahn, 2020).

Já na outra partição, temos a Classe 3, nomeada de *Cinema e feminismo*, que compõe 18,3% do *corpus*. Esta Classe foi a que mais apresentou divergência de posicionamento, pois alguns justificaram sua posição de forma positiva, considerando

que não há diferença de capacidade entre os gêneros e essa é uma presença significativa para o alcance da visibilidade e da representatividade, a exemplo do discurso: “*É importante que a ideia não se restrinja ao sexo masculino para valorizar o potencial feminino*”. Em oposição, outros justificaram que essa ascensão é proveniente de mudanças sociais e da atividade de grupos, como as feministas, mas enfatizam que o cinema não pode ser um espaço parcial, que fale sobre essas pautas, como visto em: “*Estamos na era do feminismo e não devemos misturar isso com o cinema*”.

Pelo contrário, deve manter seu foco na realização de boas histórias e bons filmes do gênero, não sendo totalmente aceita a ideia de crescimento de protagonistas femininas. Um dos motivos para a existência dessa ambivalência frente a ascensão de personagens femininas é a necessidade de manutenção do status quo e do controle exercido por esses grupos dominantes (Diekman & Goodfriend, 2007), que associam esse aumento aos estereótipos negativos do feminismo, gerando tal incomodo. E, de modo mais neutro, porém a concordar com a importância de uma boa história com bons personagens, houveram pessoas que não fizeram distinção entre existir mais protagonistas mulheres, a exemplo de “*Para mim não faz diferença, todos têm a mesma importância*”, focando na igualdade de todos.

Por fim, a Classe 4 compartilha do mesmo *subcorpora* que a 3, representa 20% do *corpus* e foi nomeada de *Ascensão feminina*. Esta Classe compartilha da ideia de que a ascensão feminina no cinema é um reflexo, mas também é um reforço necessário, da conquista e ocupação de mais espaços sociais por parte das mulheres (Aley & Hahn, 2020). E isso ocorre devido, em parte, à um momento de crescimento do pensamento feminista, como justificado em “*Necessário em época de ascensão do feminismo*”. Assim, percebe-se que o feminismo está buscando fazer parte de mais locais, formais e informais, a fim de atingir a igualdade entre os gêneros, bem como promover uma

representação feminina na sociedade. Contudo, compete reforçar o cuidado com o que há por trás do jogo midiático, posto que, segundo Goffman (1979), as mídias buscam repassar o comportamento que querem que o público acredite que elas realmente tenham.

Outro reflexo disso é o aumento do interesse do público feminino nos filmes de super-heroínas, o que pode ser explicado por essa possibilidade de se sentir representada nas telas: *“É necessário mais personagens com quem o público possa se identificar”*. Além disso, considera-se que esse seja um espaço de atuação importante, visto que possui relação não somente com as histórias originais, mas também com as discussões do contexto social: *“A ascensão de personagens femininas denota a importância e o respeito ao ser humano, independente do gênero, que deve ser cobrado ao contexto social”*. Entretanto, algumas críticas que os filmes de ficção recebem são voltadas ao fato de hiperssexualizarem e/ou objetificarem a personagem de modo danoso (Collins, 2011) em vez de trabalharem sua participação mais satisfatoriamente, como observamos também no discurso: *“Acho altamente necessária a representação feminina, espero que continue e sem sexualizar elas”*.

Discutido isso, no Estudo 1, foi possível verificar a importância da presença crescente de super-heroínas como protagonistas desses filmes e como ela pode se relacionar com o desenvolvimento de estereótipos e papéis de gênero, de modo a contribuir com comportamentos tradicionais, sexistas e ambivalentes (em casos de representações tradicionais em sua atuação), ou, do contrário, contribuir com uma maior flexibilização desses (em casos de representações não tradicionais em sua atuação), a fim de desconstruir tais estereótipos de gênero. Apesar disso, é necessário atentar-se as nuances do jogo midiático, que se configura como uma lente dialética da construção da realidade, de pensamentos e comportamentos da sociedade e para ela mesma.

Ainda que a maioria dos participantes tenham concordado com a ascensão de protagonistas femininas em filmes de ficção, as justificativas diferem com base na ancoragem no gênero deles. Considerando o aporte teórico das representações sociais e que essas servem como guias sociais, optamos por explorar como a mulher, a super-heroína, o homem e o super-herói estão sendo representados, a fim de se ter uma análise mais completa em diferentes níveis de análise, e discutimos como se relaciona com o sexismo ambivalente e papéis de gênero no Estudo 2.

As representações sociais de mulher, super-heroína, homem e super-herói

Este estudo teve dois objetivos: a) analisar como são representadas as mulheres no geral e as super-heroínas e b) como são representados os homens no geral e os super-heróis. A partir destes objetivos, três perguntas podem ser formuladas:

1. As representações sociais das mulheres em geral e das super-heroínas compartilham elementos representacionais ou podem ser consideradas sistemas representacionais diferentes?
2. As representações sociais dos homens em geral e dos super-heróis compartilham elementos representacionais ou podem ser consideradas sistemas representacionais diferentes?
3. Levando em consideração que a indústria cinematográfica é um espaço de hegemonia masculina, surgirão conteúdos representacionais ligados à divisão sexual dos papéis nesses quatro sistemas representacionais?

Método

Participantes

Participaram deste estudo 145 estudantes universitários de primeiro período dos cursos das áreas de saúde (24,9%), humanas (42,1%) e exatas (33,1%), sendo 49% mulheres e 51% homens, com idades variando de 18 a 35 anos ($M = 20,07$; $DP = 3,06$). Em sua grande maioria, os participantes se autoclassificaram como da classe média (48,6%) e da classe média baixa (31,3%). Em relação à cor da pele autodeclarada, os participantes se definiram como brancos (44,8%), negros (7,6%), pardos (45,5%) e outros (2,1%).

Procedimentos e Instrumentos

A amostra foi não probabilística por conveniência e exclusiva para o primeiro período, visto que se pretendia evitar o enviesamento do contexto universitário e se aproximar ao máximo da faixa etária da adolescência. A aplicação da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) foi realizada em contexto de sala de aula, após a anuência dos professores e dos estudantes. Essa técnica consistia, inicialmente, em uma ferramenta projetiva da psicologia clínica trabalhada por Carl Jung, a fim de tornar consciente a estrutura de personalidade do sujeito. Entretanto, quando utilizada pelo campo de pesquisa em Representações Sociais, essa técnica objetiva conhecer o conteúdo latente referente a um objeto, como as pessoas o percebem e como formam uma rede associativa de significados, de modo a estruturar a representação social do estímulo indutor usado (Coutinho & Do Bú, 2017).

Quanto a esses estímulos indutores, pede-se para que sejam definidos com antecedência de acordo com o objeto representacional de interesse da pesquisa. No caso desse artigo, escolhemos “mulher”, “super-heroína”, “homem” e “super-herói”, além dos estímulos de teste (“casa” e “carro”), que não foram analisados, mas são importantes para familiarizar os participantes ao uso da técnica. A quantidade de palavras dadas como resposta ao estímulo indutor varia de acordo com a base teórica de cada pesquisador (a). Nesse artigo, pedimos cinco palavras, mesmo sabendo que três já são suficientes, com a intenção de melhor conhecer as representações sociais de nossos objetos. E também para que respondessem dentro do tempo de um minuto, que foi rigorosamente cronometrado no intuito de obter as respostas mais sinceras e não cair na zona muda das representações, em que não há a verbalização devido à interferência de uma possível desejabilidade social ou influência externa (Castro, Giacomozzi & Camargo, 2018; Coutinho & Do Bú, 2017).

Dessa forma, inicialmente, foram dadas as instruções de como a TALP ocorreria e feitas as induções de treino, para que, a cada expressão dita, os participantes

respondessem, em um minuto, as cinco primeiras palavras que pensassem ao ouvi-la. As expressões eram, respectivamente: "casa", "carro", "mulher", "homem", "super-heroína" e "super-herói". Além da TALP, o questionário continha uma lista de filmes considerados do gênero de super-herói/super-heroína lançados até o momento de sua aplicação, para que os participantes assinalassem os que já assistiram e elencassem os 5 que mais gostou. Por fim, preenchiam o questionário com suas características sociodemográficas.

Análise dos dados

Realizamos uma análise prototípica com as cinco primeiras palavras evocadas pelos participantes para identificar como os objetos sociais "mulher", "homem", "super-heroína" e "super-herói" são percebidos, simbolizados e explicados a partir da frequência que possuem, em termos de estruturação de suas respectivas representações sociais. Essas respostas foram divididas em oito bancos de acordo com o gênero do respondente e analisadas com o auxílio do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), que possibilita a realização de diversos tipos de análises estatísticas de dados textuais (Camargo & Justo, 2013).

A análise prototípica é um desses métodos, e foi desenvolvida especificamente para examinar dados no campo das representações sociais. Este método se propõe a identificar a estrutura representacional de um determinado objeto social. Na análise prototípica, considera-se a ordem e a frequência com que as palavras na associação livre são evocadas, ou seja, quais palavras vêm à mente com maior facilidade e rapidez (Wachelke & Wolter, 2011). Assim, quanto antes uma palavra for utilizada para descrever um objeto social e maior for seu uso, maior será sua importância para a estrutura da representação social. A partir disso, há uma divisão em quatro quadrantes que retratam o núcleo central e o sistema periférico organizadores desses elementos.

A tabela que representa os quatro quadrantes estruturantes pode ser interpretada da seguinte forma: sua leitura se inicia a partir do quadrante superior esquerdo, conhecido como núcleo central, que traz as palavras possuidoras de maior frequência e que ocupam os primeiros postos na ordem apresentada. O núcleo central, conseqüentemente, fica responsável por dar o significado mais robusto e simbólico da representação, já que possui as funções geradora e organizadora. Assim, podemos dizer que ele é o principal responsável pela definição e significação de um objeto social (Abric, 2001; Wachelke & Wolter, 2011).

Seguindo em sentido horário, o próximo quadrante é o superior direito, chamado de primeira periferia, que traz as palavras com alta frequência que foram apresentadas depois. A primeira periferia é a mais próxima do núcleo central e, por esse motivo, podem fazer um intercâmbio de elementos com mais facilidade quando comparados às outras periferias. Ainda assim, ao mesmo tempo, também está próxima das outras periferias, sendo responsáveis por uma maior flexibilidade, interação com o contexto, mas protegendo o núcleo central (Abric, 2001; Wachelke & Wolter, 2011).

Já na parte inferior da tabela, temos as zonas periféricas que apresentam baixas frequências: a segunda periferia, localizada no quadrante inferior direito, traz as palavras abaixo do ponto médio de frequência e que foram trazidas por último. Por esse motivo, encontra-se mais próximo das experiências cotidianas de cada pessoa. Por fim, o quadrante inferior esquerdo representa a zona de contraste, com palavras que possuem baixa evocação, mas que foram apresentadas nas primeiras posições. São elas que sinalizam a existência de alterações ou renovações da representação social de acordo com os subgrupos sociais sem haver, no entanto, modificação na mesma (Oliveira, Marques & Tosoli, 2005; Wachelke & Wolter, 2011; Wachelke, Wolter & Matos, 2016).

Finalmente, as respostas dadas no questionário sociodemográfico foram analisadas com o auxílio do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 20, por meio de estatísticas descritivas.

Resultados e Discussão

Considerando essa explicação sobre os quadrantes que compõem a estrutura da representação social, vamos apresentar como estão organizadas as representações sociais sobre a mulher, sobre a super-heroína, sobre o homem e sobre o super-herói de acordo com mulheres e homens. Desse modo, saberemos quais são as funções que cumprem, como a ancoragem no gênero influencia essas representações e compreenderemos os comportamentos que guiam os grupos sociais participantes em relação aos objetos sociais representados.

Estrutura da representação social da Mulher por Mulheres e por Homens

Tabela 2

Apresentação da estrutura da representação social da mulher por mulheres

RS da Mulher por Mulheres					
Núcleo Central			Primeira periferia		
$f \geq 5,65 \text{ OME} \leq 2,7$			$f \geq 5,65 \text{ OME} > 2,7$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Força	31	2	Mãe	23	2,8
Guerreira	14	2,6	Beleza	18	2,8
Feminismo	13	2,5	Independente	9	3
Poder	7	2,3	Luta	8	3,4
Amor	6	2,2	Empoderada	6	2,8
Direitos	6	2,5			
Zona de contraste			Segunda periferia		
$f < 5,65 \text{ OME} \leq 2,7$			$f < 5,65 \text{ OME} > 2,7$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Inteligência	4	2,5	Coragem	5	4,2
Feminilidade	4	1,5	Maravilhosa	4	2,8
Vaidade	3	2,7	Eu	4	2,8
Carinho	3	2	Trabalho	4	4
Feminicídio	2	2	Resistência	3	4,3
Delicadeza	2	2,5	Desigualdade	2	3
Família	2	1,5	Inspiração	2	4
Respeito	2	2	Conquista	2	4
Poderosa	2	1	Sororidade	2	3
			Igualdade	2	4,5

A Tabela 2 traz a estrutura, seguindo os quatro quadrantes apresentados, de como as mulheres respondem ao serem apresentadas ao termo “mulher”, que se dividem de acordo com a frequência de 5,65 e a ordem média de evocação (OME) de 2,7. O núcleo central concentra as palavras *força*, *guerreira*, *feminismo*, *poder*, *amor* e *direitos*, o que pode demonstrar que essas são as características essenciais e fortemente compartilhadas entre as mulheres quando se pensa em representação social da mulher. Cabe ressaltar que alguns desses termos podem ser contraditórios e romantizados, pois possuem significados positivos e/ou negativos a depender da situação, a exemplo de “força” e “guerreira”. Forte, guerreira ou sobrecarregada pelos papéis sociais impostos? E também os efeitos do movimento feminista na desconstrução e reconstrução de uma imagem de mulher para as mulheres, com as palavras “feminismo”, “poder” e “direitos”.

A primeira periferia é representada pelas palavras *mãe, beleza, independente, luta e empoderada*. De certa forma, também considerando a relação próxima e de troca entre a primeira periferia e o núcleo central, esses efeitos estão presentes de forma mais particularizada para cada mulher. Isto é, como o resultado de um movimento coletivo vai transformar ou fazer movimentar cada sujeito, proporcionando uma dialética de empoderamento individual de si para o empoderamento do grupo, e vice-versa. Ademais, é interessante notar que a palavra “mãe” está presente no sistema periférico e não mais no núcleo central, como costumeiramente aparece na literatura quando falamos sobre a mulher (Diniz, 2018).

Já a segunda periferia é representada pelas palavras *coragem, maravilhosa, eu, trabalho, resistência, desigualdade, inspiração, conquista, sororidade, igualdade e cuidado*. Aqui, cabe à inferência da consciência das mulheres da necessidade de se fazer “resistência” frente aos contextos de “desigualdade” vivenciados apenas pelo fato de ser mulher, o que pode ser somado a outros grupos minoritários a partir do conceito de interseccionalidade (Crenshaw, 2002) ou da categorização cruzada. Além disso, é interessante notar a forma positiva com que as mulheres percebem o protótipo de mulher, mas também conseguem ver a si mesmas, uma vez que trazem palavras como “*coragem*”, “*maravilhosa*”, “*eu*” e “*inspiração*”. Desse modo, o significado de conceitos como “sororidade” e “igualdade” podem estar presentes na realidade cotidiana de cada uma, mesmo que a sua prática ainda seja pouco nomeada.

Por outro lado, é comum que o tipo de “trabalho” que a maioria das mulheres faz esteja relacionado ao “cuidado”, setores que são pouco valorizados e remunerados, o que ainda é considerada uma característica essencial da divisão social, racial e sexual do trabalho voltada para a mulher (Hirata, 2015). Essa influência dos papéis de gênero na área de atuação profissional das mulheres pode ser explicitado nos dados do

enfrentamento da Covid-19, em que elas constituem 79% da força de trabalho na área de saúde (Hernandes & Vieira, 2020), e nos dados que mostram que as mulheres trabalham quase o dobro do tempo (21,3 horas versus 10,9 horas dos homens) nos serviços domésticos e de cuidados de parentes (Amorim, 2019). Ou ainda que, no geral, recebem cerca de 3/4 do que um homem com a mesma qualificação recebe (IBGE, 2018), sendo também as principais responsáveis pelo trabalho reprodutivo.

Por fim, situada mais próxima dos assuntos cotidianos, isto é, de forma concreta na realidade, a zona de contraste traz as palavras *inteligência*, *feminilidade*, *vaidade*, *carinho*, *feminicídio*, *delicadeza*, *família*, *respeito* e *poderosa*, o que se relaciona com o contexto e as discussões atuais, bem como com os outros sistemas que compõem a representação social. Entretanto, um diferencial aqui presente é a maior frequência de palavras relacionadas a atributos físicos ou considerados necessários, por uma parcela da sociedade, para uma mulher tornar-se mulher, como as questões que envolvem a “feminilidade”, a “vaidade”, “delicadeza” e o “carinho” com a “família”. É relevante também a presença da palavra “feminicídio”, homicídio em que a vítima é mulher e é morta apenas pelo fato de ser mulher, bem como nos perguntar: a que ponto essa situação social de violência contra a mulher chegou para se fazer presente na sua estrutura representacional? Onde estaria o “respeito” ao ser mulher?

Assim, quando as mulheres representam o objeto social mulher, elas trazem elementos que a constituem e que também fazem parte de seu grupo, percebendo certas características em outras mulheres. Como é o caso de uma mulher prototípica, espera-se que a totalidade de mulheres possam se ver e ver às outras de forma a utilizar lentes já influenciadas pelas questões levantadas pelo feminismo, a exemplo da luta pelos direitos, do poder, da sororidade e da igualdade e se empoderem enquanto grupo social. Desse modo, é interessante observar a necessidade de uma movimentação efetiva de grupos

sociais para conseguir alcançar a mudança social, bem como outras formas de representar objetos sociais que farão surgir outros tipos de comportamentos frente a eles. E como grupos sociais estão em constante relação, é necessário considerar quais são as representações sociais que os homens possuem da mulher, como iremos analisar a seguir.

Tabela 3

Apresentação da estrutura da representação social da mulher por homens

RS da Mulher por Homens					
Núcleo Central			Primeira periferia		
$f \geq 6,62$ OME $\leq 2,7$			$f \geq 6,62$ OME $> 2,7$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Mãe	31	2,1	Companheira	26	2,8
Beleza	27	2,3	Força	18	2,9
Feminismo	7	2,3	Amor	17	3,3
Respeito	7	1,9	Guerreira	9	3
			Inteligência	7	3,3
Zona de contraste			Segunda periferia		
$f < 6,62$ OME $\leq 2,7$			$f < 6,62$ OME $> 2,7$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Maravilhosa	3	2,7	Carinho	6	3,3
Brinco	2	2,5	Cabelo	5	2,8
Trabalho	2	2,5	Luta	5	3,2
Esforço	2	2,5	Cuidado	4	4
Empoderada	2	1,5	Avó	4	4,2
Filhos	2	2,5	Determinação	3	3
Poder	2	2,5	Sorriso	2	3
Irmã	2	2	Eva	2	3

De modo comparativo, a Tabela 3 apresenta a estrutura, seguindo os quatro quadrantes apresentados, de como os homens respondem ao serem apresentados ao termo “mulher”, que se dividem de acordo com a frequência de 6,62 e a ordem média de evocação (OME) de 2,7. O núcleo central concentra as palavras *mãe*, *beleza*, *feminismo* e *respeito*, nessa ordem. O que demonstra que, para homens, a imagem da mulher está fortemente ligada a figura de “mãe”. E essa pode ser uma forma negativa de

representação, visto que a mulher não se resume a maternidade, nem essa possui apenas a dimensão positiva amplamente difundida, principalmente para as mulheres (Grisci, 1995).

Assim como ocorrem processos discriminatórios justificados com base na maternidade, como o que se sucede no ambiente laboral ao não conseguirem o emprego, ou quando lhe são atribuídos estereótipos de menor competência apenas pelo fato de ser mãe (Garrido, Álvaro & Torres, 2018; González, Cortina & Rodríguez, 2019) e fazer uso de seus direitos (ex.: licença maternidade) (Albuquerque, 2020). O contrário não é visto em relação aos homens que fazem uso da licença paternidade. Por esse motivo, é necessário pensar sobre os efeitos positivos trazidos ao igualar o período dessas licenças, a exemplo da desvinculação da responsabilidade do cuidado ser única e exclusiva da mulher (Kleven, Landais, & Søgaaard, 2018), mas também não superestimar os homens que a cumprem.

Ademais, tem-se presente o termo “beleza”, que pode ser considerado ambivalente, visto que possibilita certa padronização e objetificação da mulher. Apesar disso, notamos a crescente presença do “feminismo” também em contextos masculinos, contudo, podendo ser bem recebido ou não (Yeung et al., 2014). Como vimos nos resultados do Estudo 1, os homens consideram importante distinguir os espaços nos quais o feminismo pode ser debatido, como é o caso dos filmes. Além disso, o discurso igualitário atravessa a percepção do padrão de masculinidade que possuem, isto é, homens que defendem o feminismo acabam recebendo os estereótipos que tradicionalmente são atribuídos às mulheres e ao feminino, como de fraqueza e sensibilidade, e, conseqüentemente, são também associados a homossexualidade (Gundersen & Kunst, 2019; Viana, Torres & Álvaro, 2020). Por esse motivo, podem preferir uma “neutralidade” a perder os privilégios concedidos ao grupo majoritário.

Na primeira periferia, temos as palavras *companheira*, *força*, *amor*, *guerreira* e *inteligência*. Aqui, temos a palavra “companheira”, indicando a percepção de uma mulher em relação, isto é, sem trazer a questão da mulher como sujeito de alteridade, mas sim relacionada a outra pessoa, geralmente um homem, ou simbolizando o “amor”, considerado tipicamente feminino. E, mais uma vez, a presença das palavras “guerreira” e “força”, que podem ser problematizadas quando existe uma cultura de romantização da sobrecarga de atividades e pressões sociais em cima das mulheres, como a dupla jornada de trabalho e as desigualdades sociais experienciadas por elas. Além disso, cabe discutir o outro lado, que é o da desresponsabilização do homem perante atividades domésticas, visto que, em uma sociedade atravessada pela ideologia patriarcal, a mulher foi feita para servir, enquanto o homem foi feito para ser servido (Tia Má, 2020; Tiburi, 2018).

Já na segunda periferia, as palavras apresentadas foram *carinho*, *cabelo*, *luta*, *cuidado*, *avó*, *determinação*, *sorriso* e *Eva*. Novamente, está presente a noção de proximidade a partir de um relacionamento ou vínculo por meio da palavra “avó”, bem como de seus atributos físicos, ou considerados necessários para uma mulher tornar-se mulher, como o “cabelo” e o “sorriso”. Além disso, é interessante notar, através de “Eva”, a influência que a religião ainda possui nas relações sociais, na construção da sociedade e, conseqüentemente, na forma como ela atravessa a imagem de mulher, principalmente para a percepção que os homens têm de uma mulher submissa, possivelmente disfarçada de companheirismo, ou de uma mulher que pode expulsá-lo do paraíso. Sendo estes um dos principais pilares na existência e manutenção do sexismo ambivalente e a perseguição e violência contra as mulheres (Álvaro & Fernández, 2006; Connor, Glick & Fiske, 2017; Federici, 2019).

Por fim, na zona de contraste, temos: *maravilhosa*, *brinco*, *trabalho*, *esforço*, *empoderada*, *filhos*, *poder* e *irmã*. Mais uma vez, é relevante a presença de palavras que

remetem a relação próxima que se tem com uma mulher e a objetos ou certas características que a tornam “mais” mulher, como é o caso de *filhos*, *irmã* e *brinco*, trazendo um caráter de feminilidade e maternidade, em que o primeiro é cobrado cotidianamente das mulheres e o segundo, cobrado implícita e explicitamente como dever social e critério de sucesso das mulheres (Grisci, 1995). Ainda, podemos refletir sobre os sentidos da palavra *esforço*: as mulheres precisam se esforçar mais que o suficientemente necessário em todos os âmbitos? E por que isso? No caso do ambiente de trabalho, segundo uma pesquisa realizada por Mulheres no Varejo (como citado em Carnevalli, 2019), exige-se uma maior formação e qualificação da mulher do que para homens que estão concorrendo a um mesmo cargo de liderança. E, por fim, palavras como *empoderada* e *poder* estão começando a fazer parte do cotidiano dos homens também.

Assim, quando comparamos os respectivos quadrantes que estruturam as representações sociais da mulher de acordo com a ancoragem no gênero do participante, percebemos que, no núcleo central, mulheres e homens compartilham apenas da palavra *feminismo*. Desse modo, como a diferenciação das representações de objetos sociais se dá a partir da análise do conteúdo que está presente no núcleo central (Abric, 2001), podemos dizer que a mulher é percebida de formas diferentes por mulheres e por homens. Especificamente para os homens, a palavra mãe está sempre presente quando falamos sobre mulher, o que pode significar, para além da biologia, que o papel social da mulher está intrinsecamente relacionado com a maternidade (Almeida, 2007; Diniz, 2018; Grisci, 1995). Além do cabelo, do uso de brincos, do sorriso e do esforço, a mulher também precisa ser mãe para ser mulher. E vale ressaltar a frequência e a ordem de evocações feitas por homens: quando se fala mulher, os homens imediatamente associam a mãe.

Enquanto isso, a mulher, para as mulheres, isto é, falando de seu próprio endogrupo, traz uma imagem mais real e diversa da mulher, principalmente quando se

trata de questões trazidas pelos movimentos feministas, como é a independência, a conquista pelos direitos e o empoderamento. No caso desse empoderamento, cabe refletir sobre qual conceito é que está sendo levantado, visto que o mesmo passou por um processo de esvaziamento com o objetivo de enfraquecimento do coletivo de mulheres e suas conquistas a partir do momento que a estrutura neoliberal e patriarcal se sentiu ameaçada por ele. Por este motivo, é importante reforçar o conceito de empoderamento apresentado por Joice Berth (2018, p. 129) como sendo “a aliança entre o se conscientizar criticamente e transformar na prática, algo contestador e revolucionário na sua essência”, que ocorre fundamentalmente de forma coletiva.

De forma geral, identificamos que as mulheres falam sobre si mesmas pela lente de um determinado empoderamento e, de certa forma, atravessado pelo pensamento feminista. Por outro lado, os homens percebem a mulher sempre em relação, nunca por si só. Desse modo, temos que um mesmo objeto social, a mulher, é representado de duas maneiras: uma de acordo com as próprias mulheres e a outra, com os homens, indicando que pode ser uma representação social de caráter polêmico. Assim, podemos inferir que a representação social da mulher é construída conforme os grupos sociais aos quais as pessoas fazem parte (Chaves & Silva, 2013).

Além disso, esses grupos vão compartilhar de determinadas ideologias, valores e pensamentos perante esse mesmo objeto, que podem ser divergentes. E essa divergência, por sua vez, pode levar ao conflito de interesses intragrupais e intergrupais e a intenção de dominação social. Logo, se as mulheres se percebem de uma maneira mais emancipada e política, enquanto os homens percebem a mulher de modo mais tradicional e submisso, poderão surgir divergências que se materializarão em discriminação de gênero *versus* luta por igualdade de gênero.

Estrutura da representação social da Super-heroína por Mulheres e por Homens

Tabela 4

Apresentação da estrutura da representação social da super-heroína por mulheres

RS da Super-heroína por Mulheres					
Núcleo Central			Primeira periferia		
$f \geq 6 \text{ OME} \leq 2,6$			$f \geq 6 \text{ OME} > 2,6$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Força	30	2,5	Guerreira	8	3
Mãe	24	2,3	Eu	7	2,9
Mulher Maravilha	23	1,7	Feminismo	6	4,3
Mulher	12	2			
Poder	11	2,5			
Capitã Marvel	7	1,6			
Zona de contraste			Segunda periferia		
$f < 6 \text{ OME} \leq 2,6$			$f < 6 \text{ OME} > 2,6$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Vó	5	2,6	Luta	5	3,2
Empoderamento	4	2,2	Inteligência	5	3,8
Filme	4	1,8	Bonita	4	4,5
Poderosa	4	1,8	Marvel	4	2,8
Viúva Negra	3	2	Representatividade	3	3,3
Voar	2	2,5	Incrível	3	3,7
Tempestade	2	2,5	Maravilhosa	2	4,5
			Confiança	2	3,5
			Guerra	2	3
			Mulher Gato	2	3,5

Podemos observar na Tabela 4 que a estrutura da representação social da super-heroína por mulheres se divide de acordo com a frequência de 6 e a ordem média de evocação (OME) de 2,6. Seu núcleo central é composto pelas palavras que possuem frequência maior ou igual a 6 e foram evocadas em uma posição menor ou igual a 2,6, sendo elas: *força*, *mãe*, *Mulher Maravilha*, *mulher*, *poder* e *Capitã Marvel*. Podemos observar que mulher e super-heroína compartilham de algumas palavras, ou seja, são representações similares, mas não iguais, pois esta última possui especificidades relacionadas ao universo dos filmes, representadas pelas duas super-heroínas mais conhecidas atualmente.

Na primeira periferia, temos as palavras *guerreira*, *eu* e *feminismo*. Essas palavras podem estar trazendo características estereotípicas da própria super-heroína (Coyne et al., 2014), como uma guerreira no sentido da ficção, mas também pode estar se referindo a história de vida da mulher, por isso a presença da palavra *eu*. Aqui, cabe refletir sobre as possíveis diferenças e semelhanças do sentido de guerreira na representação social da super-heroína e da mulher: enquanto a super-heroína conta com superpoderes para lidar com as batalhas necessárias e, geralmente, um grupo formado por outros heróis e heroínas, a mulher da vida real costuma passar por batalhas reais e cotidianas sozinha (Tia Má, 2020), e sem poder contar com a certeza da existência de “final feliz”. Ainda assim, há um sinal de conquista do feminismo, devido à super-heroína, e uma busca para que este seja retratado nas telas a fim de um efeito real na sociedade.

Já a segunda periferia é representada pelas palavras *luta*, *inteligência*, *bonita*, *Marvel*, *representatividade*, *incrível*, *maravilhosa*, *confiança*, *guerra* e *mulher gato*. Corroborando com a ideia já presente na primeira periferia, é notório que as discussões sobre questões de empoderamento, representatividade e seus efeitos estão ganhando mais espaço e representação, como podemos observar nesse sistema periférico, que vai de encontro com a literatura produzida (Aley & Hahn, 2020; Baker & Raney, 2007; Coyne et al., 2014; Scharrer & Blackburn, 2018; Steyer, 2014).

Além disso, outra super-heroína, a *mulher gato*, foi lembrada, bem como atributos típicos dessas personagens, como a *luta*, *inteligência*, o fato de ser *bonita* e a *guerra*. Aqui, é interessante trazer a discussão sobre empoderamento estético, sexualização e a representatividade: como e qual é a mulher que está sendo apresentada nesses filmes? Como é o seu uniforme? Essa representatividade vai ser inclusiva ou vai reforçar um determinado biótipo e estereotipo de super-heroína sexualizada que serve para enfraquecer as mulheres ao enfatizar apenas seu corpo? Quem vai poder se ver nesses

filmes? (Behm-Morawitz & Mastro, 2009). Sobre esse debate, vale apontar a importância de saber diferenciar a sensualidade de uma personagem mulher de uma sexualização danosa imposta a ela e as consequências que pode gerar nos espectadores (Collins, 2011).

Finalmente, na zona de contraste estão presentes as palavras mais gerais, trazidas como características pessoais delas, compartilhadas por humanos no dia a dia, tais como: *vó*, *empoderamento*, *filme*, *poderosa*, *viúva negra*, *voar* e *tempestade*. Podemos perceber que há uma sobreposição da realidade com a ficção, pois ao mesmo tempo temos *vó*, *tempestade* e *viúva negra*, representando características geralmente presentes nesses *filmes*. Como se trata da zona de contraste, em que as palavras são citadas rapidamente, porém com baixa frequência, talvez a percepção de *empoderamento* trazida por esses filmes ainda não seja tão compartilhada socialmente.

Tabela 5

Apresentação da estrutura da representação social da super-heroína por homens

RS da Super-heroína por Homens								
Núcleo Central				Primeira periferia				
$f \geq 6,19$ OME $\leq 2,55$				$f \geq 6,19$ OME $> 2,55$				
Evoc.	f	OME		Evoc.	f	OME		
Força	35	2,3		Capitã Marvel	11	2,8		
Mãe	27	1,4		Inteligência	10	2,8		
Mulher Maravilha	24	2		Guerreira	10	2,8		
Poder	12	2,2		Vó	8	2,6		
Mulher	10	2,5		Bonita	7	2,6		
				Filme	7	2,9		
Zona de contraste				Segunda periferia				
$f < 6,19$ OME $\leq 2,55$				$f < 6,19$ OME $> 2,55$				
Evoc.	f	OME		Evoc.	f	OME		
Batalhadora	3	2,3		Poderosa	6	4		
Velocidade	2	2,5		Fantasia	4	3,2		
Feminismo	2	2,5		Coragem	4	4,2		
Representatividade	2	2		Marvel	4	3		
Protetora	2	1,5		Ajuda	3	3,3		
Mulher Gato	2	2		Agilidade	2	3		
				Empoderamento	2	3		
				Viúva Negra	2	5		
				Namorada	2	3		
				Destemida	2	3		

Por outro lado, as representações sociais da super-heroína trazidas por homens se organizam a partir da frequência de 6,19 e a ordem média de evocação (OME) de 2,55. Seu núcleo central é composto pelas seguintes palavras: *força*, *mãe*, *Mulher Maravilha*, *poder* e *mulher*. A única super-heroína de fato presente no núcleo central é a *Mulher Maravilha*, considerada uma das pioneiras e mais influentes. Já a primeira periferia é formada pelas palavras *Capitã Marvel*, *inteligência*, *guerreira*, *vó*, *bonita* e *filme*. Nela, temos a presença de outra super-heroína, *Capitã Marvel*, porém seguimos com palavras que remetem mais fortemente a realidade que as trazidas por mulheres, como é o caso de *inteligência*, *guerreira*, *vó*, *bonita* e *filme*.

Na segunda periferia, temos as palavras *poderosa, fantasia, coragem, Marvel, ajuda, agilidade, empoderamento, Viúva Negra, namorada e destemida*. Outra super-heroína é lembrada, *Viúva Negra*, bem como as características que geralmente possuem, como ser *poderosa, fantasia, coragem, agilidade e destemida*, além de uma das principais franquias desses filmes, a *Marvel*. Mais uma vez, os homens trazem, em sua representação, a ligação das mulher/super-heroína a um relacionamento seu (ex.: *namorada*), o que pode ser problematizado e discutido por meio do sexismo ambivalente e dos papéis tradicionais de gênero: por que o homem sempre tem que estar presente? E por que a atenção também precisa ser voltada a ele, mesmo quando não é o espaço para isso? Por que as mulheres sempre precisam ser pensadas não como uma pessoa com sua alteridade, mas lembradas como a esposa ou namorada de alguém, geralmente de um homem?

E a zona de contraste é formada pelas palavras *batalhadora, velocidade, feminismo, representatividade, protetora e Mulher Gato*. Aqui, na zona de contraste, estão as palavras que começam a aparecer dispersamente no cotidiano dos grupos, com baixa frequência, porém prontamente evocadas. Assim, é interessante notar que surgem palavras como *feminismo e representatividade*, o que pode significar uma certa entrada, mesmo que baixa, de homens na discussão das pautas feministas a partir desses filmes. E trazem a *Mulher Gato*, juntamente com algumas das características das super-heroínas, como ser *batalhadora e protetora*, que podem ser ambíguas, visto que remetem a uma feminilidade intrínseca presente também nas heroínas, bem como uma necessidade maior de batalhar por algo; e fazer uso de *velocidade* (Baker & Raney, 2007).

Quando comparamos os respectivos quadrantes que estruturam as representações sociais desse objeto social, percebemos que, no núcleo central de ambos os grupos, a super-heroína compartilha de praticamente todas as características definidoras essenciais,

sendo elas *força*, *mãe*, *Mulher Maravilha*, *mulher* e *poder*, exceto Capitã Marvel, que foi exclusiva do núcleo central da representação da super-heroína por mulheres. Assim, podemos dizer que mulheres e homens representam a super-heroína da mesma maneira, ou seja, é uma representação social hegemônica, em que há variação apenas na estrutura periférica, o que pode significar as especificidades de percepção e recepção, isto é, ancoragem e objetivação de cada grupo perante esse objeto (Abric, 1994).

E quando relacionamos as representações sociais da super-heroína com a da mulher, vemos que a palavra *mãe* está sempre presente quando falamos sobre mulher, o que pode significar, para além da biologia, que o papel social da mulher está intrinsecamente relacionado com a maternidade. Além do cabelo, a mulher também precisa ser mãe para ser mulher. E a super-heroína ainda não possui tanta clareza quanto ao seu lugar em filmes, pois ora está como *mulher maravilha* e *capitã marvel*, mas faz um retorno para o ambiente doméstico como *mãe*. Quanto à questão da *força*, há uma discussão sobre a ambiguidade desse termo, já que pode surgir como algo positivo, mas também com um sentido romantizado, em que a mulher precisa ter força o tempo todo, considerando os vários contextos sociais em que vive.

Quanto ao sistema periférico, já começam a surgir mais diferenças em relação aos lugares em que a mulher e a super-heroína estão. No caso da mulher, temos: amor; luta, mas não no mesmo sentido da ficção da heroína; independente; carinho; namorada; cabelo e amiga; demonstrando maior proximidade relacional e delicadeza. E no caso da super-heroína, temos: guerreira, trazendo um sentido de quem luta em guerras para salvar a humanidade; bonita, já que a maioria delas está dentro de um padrão de beleza socialmente aceito e reforçado para as telas; poderosa, seguindo a ideia de possuidora de super-poderes capazes de auxiliar em suas conquistas; feminismo, presente no núcleo central da mulher, pois são conquistas para ocupação dos mesmos locais; eu,

particularizando a representação de super-heroína; luta e marvel, que representam características essenciais desses filmes.

Assim, a super-heroína é capaz de trazer representatividade porque está ocupando um espaço predominantemente masculino, além de passar uma imagem, principalmente para o público mais jovem, de que a mulher também pode. E se interliga com o verdadeiro conceito de empoderamento, definido por Joice Berth (2018), pois a ocupação desse lugar foi possível a partir do trabalho Político de muitas mulheres, para além do cinema. Desse modo, podemos trazer que a representação social da mulher pode estar passando por mudanças, ou vir a passar, a partir da forma como a super-heroína esteja sendo representada nos filmes, sendo o contrário também verdadeiro. Isso porque os filmes são uma forma de comunicação de massa que possuem poder suficiente para construir, desconstruir e reconstruir imagens da mulher de acordo com a intenção de manutenção ou mudança da ordem social vigente, bem como promover novas formas de sociabilidade.

Por isso que a abordagem estrutural baseada na Teoria do Núcleo Central (Abric, 1994) é útil para investigar essas representações sociais de questões polêmicas, visto que ela permite analisar a contribuição relativa dos elementos polêmicos para a representação social geral do objeto em questão. Sua análise é baseada na ideia de que as representações sociais de um grupo ou da sociedade como um todo estão organizadas em um sistema dual composto por um núcleo e uma periferia. O núcleo determina o significado geral da representação, sendo de difícil mudança. Por outro lado, a periferia é composta por elementos ligados ao núcleo central, mas mais maleáveis, tendo a função de se adaptar à realidade em mudança. Ela protege o sistema central de mudanças abruptas (Abric, 2001).

Como as identidades sociais dos grupos vão ser caracterizadas por determinadas representações sociais de diversos objetos, bem como responsáveis por torna-las polêmicas, hegemônicas ou emancipadas, vai existir uma dinâmica dialética entre

questões de identidade, representacionais, simbólicas e políticas como Elcheroth, Doise e Reicher (2011) trazem. Justamente porque é o núcleo central que mantém os elementos fundamentais para essa identidade do grupo, ele é mais rígido, já que sustenta uma estrutura, simbólica e material, de privilégios e status quo que pode ser mais favorável a determinado grupo (ex.: homens) e, por isso, buscam mantê-la.

Tendo esses resultados em mente, nos perguntamos como estariam então as representações sociais do homem e do super-herói, que podemos considerar como normativos nesse contexto. Assim, a segunda parte deste estudo foi planejada para investigar essas questões.

Estrutura da representação social do Homem por Mulheres e por Homens

Tabela 6

Apresentação da estrutura da representação social do homem por mulheres

RS do Homem por Mulheres					
Núcleo Central			Primeira periferia		
$f \geq 4,39$ OME $\leq 2,64$			$f \geq 4,39$ OME $> 2,64$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Machismo	28	1,9	Companheiro	14	3,3
Pai	20	2,1	Protetor	7	3,3
Força	16	2,2	Agressão	5	3,2
Violência	5	1,6	Trabalho	5	3,2
Zona de contraste			Segunda periferia		
$f < 4,39$ OME $\leq 2,64$			$f < 4,39$ OME $> 2,64$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Beleza	4	2,2	Irmão	4	2,8
Inteligente	3	2	Masculinidade	4	2,8
Responsabilidade	3	1,7	Poder	4	2,8
Provedor	2	2	Medo	3	3
Hetero	2	1	Explosivo	3	3,7
Nojo	2	2,5	Infiel	3	3
Lixo	2	2	Impaciente	3	3,7
Misericórdia	2	2	Patriarcado	2	4,5
Coragem	2	1,5	Idiota	2	3,5
			Respeito	2	4

A Tabela 6 traz a organização comparativa, seguindo os quatro quadrantes apresentados, das respostas dos participantes ao serem apresentados ao termo “homem”, e foi dividida de acordo com o gênero desses. Primeiramente, a estrutura da representação social de homem por mulheres se divide de acordo com a frequência de 4,39 e a ordem média de evocação (OME) de 2,64. O núcleo central é constituído pelas palavras *machismo*, *pai*, *força* e *violência*. Dessa maneira, como podemos perceber, a representação social do homem, em seu núcleo mais rígido, traz o *pai* e, ao mesmo tempo, retrata a força do poder simbólico e estrutural que se centra no homem na forma de *machismo* e *violência*. Além da palavra *força*, que pode ter sido trazida em um sentido ambíguo, ou seja, de dominação ou força física. É interessante perceber que as duas primeiras palavras evocadas possuem uma frequência próxima e tanto *machismo*, quanto *violência* possuem uma OME baixa, de 1,9 e 1,6, respectivamente, o que significa que foram as primeiras evocações feitas.

A primeira periferia é representada pelas palavras *companheiro*, *protetor*, *agressão* e *trabalho*. Assim, além de *pai* e *companheiro*, o homem também é visto como um *protetor*. No caso da palavra *protetor*, cabe uma ressalva: por que o homem precisa ser um protetor? Quem ele precisa proteger? O que nos remete ao sexismo ambivalente (Connor, Glick & Fiske, 2017), já que o mesmo homem protetor remete à violência e agressão. Dito de outra forma, esse mesmo homem, em seu sexismo benevolente e papel social direcionado a ele, é responsável por proteger a mulher, já que esta, em seu papel tradicional, precisa desse suporte. Entretanto, quando este pacto tradicional das relações de gênero é interrompido por algum motivo, o homem passa a exercer a hostilidade desse sexismo, isto é, uma violência mais explícita a fim de restabelecer a sua ordem de dominação e submissão da mulher.

Já a segunda periferia é representada pelas palavras *irmão, masculinidade, poder, medo, explosivo, infiel, impaciente, patriarcado, idiota e respeito*. Em geral, o sistema periférico dessa representação social está essencialmente constituído por questões que envolvem dicotomias da *masculinidade*, como o *medo* e o *respeito*, inseridas em uma macroestrutura ideológica, o *patriarcado*, que organiza a sociedade, as crenças e os papéis sociais destinados a cada gênero, bem como possibilita a hierarquização dessas categorias em grupos majoritários e minoritários, regularizando as relações existentes entre esses grupos (Tajfel & Turner, 1986; Tiburi, 2018). Apesar do homem se encontrar do lado opressor e privilegiado em comparação à mulher, vale ressaltar como a masculinidade pode ser tóxica e a estrutura patriarcal não ser saudável para ambos os gêneros.

Por fim, a zona de contraste traz as palavras situadas mais próxima do cotidiano, presente na realidade, sendo elas: *beleza, inteligente, responsabilidade, provedor, hetero, nojo, lixo, misericórdia e coragem*. Assim, percebe-se um conteúdo ambivalente frente a representação do homem, visto que estão presentes pontos positivos, como *beleza, inteligente e responsabilidade*, mas também temos uma alusão a papéis tradicionais voltados para o homem (ex.: provedor). Por outro lado, está representado um outro tipo de homem presente no dia a dia, que seria geralmente *hetero*, e com uma ambiguidade entrelaçada as palavras *nojo, lixo, misericórdia e coragem*, pois trazem um sentido de afastamento desse grupo, ou necessidade de bastante coragem para poder se relacionar com ele. Isto posto, como estaria então a representação social do homem para os homens?

Tabela 7

Apresentação da estrutura da representação social do homem por homens

RS do Homem por Homens					
Núcleo Central $f \geq 4,27$ OME $\leq 2,6$			Primeira periferia $f \geq 4,27$ OME $> 2,6$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Força	27	1,9	Amigo	14	2,6
Pai	24	2,4	Futebol	7	3,4
Machismo	11	1,5	Barba	7	3
Inteligente	6	2,5	Protetor	6	3,5
Trabalho	6	2,3			
Zona de contraste $f < 4,27$ OME $\leq 2,6$			Segunda periferia $f < 4,27$ OME $> 2,6$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Chato	3	2	Masculinidade	4	2,8
Esporte	2	2	Irmão	3	3
Escroto	2	2	Responsabilidade	3	3
Liderança	2	2	Esforço	3	4,3
Grosso	2	2,5	Brutalidade	3	3
Músculos	2	2,5	Físico	3	3,7
Disciplina	2	2,5	Fiel	3	3,3
Carro	2	1,5	Trabalhador	3	3
Jesus	2	2	Capacidade	2	3
Mulher	2	2	Respeito	2	3,5
Corno	2	1,5	Base	2	3

Para eles, a estrutura da representação social se divide de acordo com a frequência de 4,27 e a ordem média de evocação (OME) de 2,6. Seu núcleo central é formado pelas palavras *força*, *pai*, *machismo*, *inteligente* e *trabalho*. Em comparação com as mulheres, os homens trazem a representação de seu endogrupo de forma mais positiva, provavelmente a fim de manter uma identidade social positiva que contribui para uma melhor autoestima grupal (Torres & Camino, 2013), visto que compartilham das palavras *força*, *pai* e *machismo*, porém em posições e frequências diferentes. Além dessa diferença, também foram acrescentadas as palavras *inteligente* e *trabalho*, tradicionalmente atribuídas ao masculino. E é interessante questionar: se o machismo surgiu no núcleo

central dos próprios homens, o que pode ser feito para que eles também possam contribuir ativamente na mudança social para uma sociedade igualitária?

A primeira periferia é composta pelas palavras *amigo, futebol, barba e protetor*. Assim, está presente uma imagem física, como ter *barba*, e de preferências por certos esportes, como gostar de *futebol*, como critérios para ser visto como homem de verdade. Ademais, traz atributos mais comportamentais, como o *protetor*, que alude a papéis tradicionais voltados para o homem e que são atravessados principalmente pelo sexismo benevolente, em que o homem é o responsável pela proteção, seja da mulher, da família, da cidade, dos direitos, entre outros (Connor et al., 2017). Será por isso também que os cargos de chefia estão nas mãos de homens? Outro questionamento em torno dessa proteção está na dúvida sobre o que ou quem eles estão querendo realmente proteger: seu grupo, seu status social ou a mulher? E, no último caso, por que isso se faz necessário?

Já a segunda periferia é formada pelas palavras *masculinidade, irmão, responsabilidade, esforço, brutalidade, físico, fiel, trabalhador, capacidade, respeito e base*. O que corrobora a ideia tradicional de masculinidade que podem ter a partir das palavras que geralmente a compõem, como *responsabilidade, esforço, brutalidade, físico, trabalhador, capacidade, respeito e base*. Quanto às palavras *irmão e fiel*, podemos refletir sobre como os homens constroem a representação de si e dos outros a partir do conceito de masculinidade hegemônica (Connel & Messerschmidt, 2013), que, de certo modo, criou um pacto normativo e silencioso, servindo para manter fielmente o fluxo ideológico que estrutura a sociedade de dominação masculina. Além disso, também possui signos, como a *brutalidade* e o *físico*, por meio dos quais podem sinalizar tais padrões.

Por fim, na zona de contraste, temos: *chato, esporte, escroto, liderança, grosso, músculos, disciplina, carro, Jesus, mulher e corno*. Novamente, assim como na

representação que os homens tiveram de mulher, eles trazem um conteúdo religioso figurativo e intrinsecamente relacionado a imagem de homem, representado exclusivamente por *Jesus*. Além das questões físicas e materiais, socialmente valorizadas, como *músculos* e *carro*, que podem vir a partir do *esporte*, da *disciplina* e da *liderança*. Essa liderança, por sua vez, é incentivada e essencializada para o homem, mesmo quando ele não tem a qualificação adequada exigida para determinados cargos.

A partir disso, podemos perceber que as representações sociais do homem são diferentes para mulheres e para homens, e perpassam pelas diversas mídias carregadas de estereótipos de masculinidade e feminilidade (Cerqueira & Cabecinhas, 2018). Enquanto as mulheres evocam sentidos mais negativos do que o homem representa, já que traz violência e machismo em seu núcleo central, os homens procuram por uma maior positividade para falar de seu protótipo, visto que acrescenta palavras como inteligente, e retira a violência. Quanto ao sistema periférico, as valências das palavras seguem a mesma lógica de acordo com os dois grupos: para as mulheres, é mais nítida a existência de uma ambivalência quanto a figura masculina, pois ao mesmo tempo que trazem agressão, trazem proteção e outras formas de expressar uma reação a maneira que percebem serem tratadas, como os xingamentos *idiota*, *nojo* e *lixo*. Enquanto isso, os homens mantêm seu papel tradicional de trabalhador, protetor e base da sociedade patriarcal.

Estrutura da representação social do Super-herói por Mulheres e por Homens

Tabela 8

Apresentação da estrutura da representação social do super-herói por mulheres

RS do Super-herói por Mulheres					
Núcleo Central			Primeira periferia		
$f \geq 4,64$ OME $\leq 2,63$			$f \geq 4,64$ OME $> 2,63$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Força	31	1,9	Capitão América	6	2,7
Pai	17	2,2	Homem de Ferro	5	2,8
Poder	13	2,5	Thor	5	3,4
Super-Homem	13	2			
Homem	8	2			
Homem Aranha	7	2			
Filme	6	1,7			
Batman	6	1,3			
Músculos	5	2,6			
Zona de contraste			Segunda periferia		
$f < 4,64$ OME $\leq 2,63$			$f < 4,64$ OME $> 2,63$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Marvel	4	2,2	Luta	4	4,2
Super-Choque	2	2,5	Jesus	4	3
Não existe	2	2,5	Protetor	4	3,5
Salvador	2	1,5	Coragem	4	3,8
Cinema	2	1,5	Inteligência	3	3,7
Virilidade	2	2	Pantera Negra	3	4,7
Salvação	2	2,5	Grande	3	3,7
			Agilidade	2	3
			Proteção	2	4
			Ousadia	2	3

Podemos constatar, a partir da Tabela 8, que a estrutura da representação social do super-herói por mulheres se organiza conforme a frequência de 4,64 e a ordem média de evocação (OME) de 2,63. Seu núcleo central é formado pelas palavras que possuem alta frequência e foram evocadas prontamente, sendo elas: *força*, *pai*, *poder*, *super-homem*, *homem*, *Homem Aranha*, *filme*, *Batman* e *músculos*. Podemos observar que homem e super-herói compartilham de algumas palavras em sua caracterização, o que os torna similares, porém não são o mesmo objeto social, visto que este último possui

especificidades, por vezes até aumentadas, relacionadas ao universo dos filmes, especialmente representados pelas empresas da Marvel e DC Comics (Coyne et al., 2014).

Na primeira periferia, temos as palavras *Capitão América*, *Homem de Ferro* e *Thor*. Essas palavras retratam a imagem principal e mais tradicionalmente recorrente dos super-heróis, sendo os três dos principais da Marvel, presente desde o seu início nos quadrinhos, até chegar às telas de cinema. Dessa forma, esses heróis fazem uso de algumas dessas características que se aproximam do núcleo central, como força, poder e músculos.

Já na segunda periferia, estão presentes as palavras *luta*, *Jesus*, *protetor*, *coragem*, *inteligência*, *Pantera Negra*, *grande*, *agilidade*, *proteção* e *ousadia*. Ratificando a ideia de que o super-herói é quem *luta*, que geralmente está usando uma fantasia que o identifica e que sempre aparece para ajudar a humanidade a enfrentar certas situações, comumente contra um vilão em uma guerra, e isso traz uma grande responsabilidade. Para tal combate, faz-se necessário o uso da *inteligência*, com *agilidade* e *ousadia*. Como a segunda periferia já possui um maior contato com o contexto do sujeito, a palavra *Jesus* se fez presente, podendo remeter as memórias religiosas relacionadas ao tema, visto que ele é considerado o *protetor*.

Finalmente, na zona de contraste estão presentes as palavras mais gerais e imediatamente evocadas, e que podem refletir sentidos mais individuais, tais como: *Marvel*, *Super-Choque*, *não existe*, *salvador*, *cinema*, *virilidade* e *salvação*. Para algumas pessoas, super-heróis são repletos de estereótipos, como é o caso da *virilidade*, mas que não existem na vida real, apenas no *cinema*. E é interessante notar a presença de *Super-Choque*, um desenho que fez parte do cotidiano e da infância de uma geração, mas que ainda não chegou ao cinema. Entretanto, todos cumprem com o papel de trazer a *salvação* para a humanidade, sendo este *salvador* em sentidos de animação/ficção ou religioso.

Pode também ser uma inspiração para a construção de valores e determinados comportamentos (Steyer, 2014), que são parâmetros influenciados pelos filmes, cuja indústria cinematográfica pode levar em consideração.

Tabela 9

Apresentação da estrutura da representação social do super-herói por homens

RS do Super-herói por Homens					
Núcleo Central $f \geq 4,62$ OME $\leq 2,75$			Primeira periferia $f \geq 4,62$ OME $> 2,75$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Força	35	1,9	Poder	16	3,1
Pai	13	2,2	Inteligência	8	3,6
Super-Homem	12	2,5	Músculos	7	3,1
Homem de Ferro	8	1,6	Salvador	5	3
Homem	7	2,3			
Batman	6	2,5			
Marvel	6	2,3			
Filme	5	2,6			
Zona de contraste $f < 4,62$ OME $\leq 2,75$			Segunda periferia $f < 4,62$ OME $> 2,75$		
Evoc.	f	OME	Evoc.	f	OME
Jesus	4	2,2	Homem Aranha	4	4
Lutador	3	2,7	Hulk	4	3
Justo	3	2,7	Luta	4	3,8
Inspiração	3	2,7	Fantasia	4	2,8
Estereotipo	2	2	Responsabilidade	4	3,8
Flash	2	2,5	Destruição	3	3,3
Alto	2	2,5	Vô	3	3,7
Destemido	2	2,5	Rápido	3	3,7
Protetor	2	2,5	Ajuda	3	3,3
			Corajoso	2	3

Já quando os homens respondem, a estrutura da representação social do super-herói se organiza conforme a frequência de 4,62 e a ordem média de evocação (OME) de 2,75. Seu núcleo central é composto pelas palavras que possuem alta frequência e foram evocadas prontamente, sendo elas: *força*, *pai*, *Super-Homem*, *Homem de Ferro*, *homem*, *Batman*, *Marvel* e *filme*. Das oito palavras que compõem o núcleo central do super-herói

para os homens, seis delas também estão presentes na representação para as mulheres. As únicas que diferem são *Marvel* e *Homem de Ferro*, um dos principais heróis dessa franquia.

Quanto a primeira periferia, as palavras que a compõem são: *poder, inteligência, músculos e salvador*. Essas costumam ser as principais características que um herói possui, ou que se espera dele. Já a segunda periferia contém as palavras *Homem Aranha, Hulk, luta, fantasia, responsabilidade, destruição, vô, rápido, ajuda e corajoso*. Aqui, já se pode inferir uma certa intersecção entre o mundo da ficção dos heróis, a partir do *Homem Aranha* e do *Hulk*, da *fantasia*, que pode ser para o seu disfarce ou estar fazendo referência ao universo criado, com a realidade vivenciada, por meio da palavra *vô*. No Brasil, considerando as altas taxas de abandono paterno, o que significa que, de acordo com o IBGE (como citado em Lázaro, 2020), cerca de 12 milhões de mães são chefes de seus lares, a figura masculina mais próxima da representação de um super-herói para as crianças é o seu avô, geralmente o materno, e isso pode implicar no desenvolvimento de papéis de gênero.

E, por fim, na zona de contraste temos: *Jesus, lutador, justo, inspiração, estereótipo, Flash, alto, destemido e protetor*. Mais uma vez, o caráter religioso da palavra super-herói, por meio de *Jesus*, está presente, demonstrando como a religião é capaz de criar imagens e histórias que influenciam diretamente a construção de representações sociais em uma sociedade, como bem visto em “Loucura e Representações Sociais”, tese de Denise Jodelet. Além disso, é interessante notar o uso, mesmo que baixo, da palavra *estereótipo*, que é um dos principais conceitos em Psicologia Social e, assim como a psicanálise na pesquisa seminal de Moscovici, foi apropriado pela população geral e pode ser usado para discutir temas do cotidiano.

Desse modo, podemos inferir que as representações sociais do super-herói não possuem diferenças em seu núcleo central de acordo com os gêneros. Sendo assim, pode ser considerada uma representação hegemônica. Ademais, todos os participantes trazem uma ideia mais voltada para o super-herói e o universo de ficção que existe, bem como suas principais características. E fazendo comparações entre os respectivos quadrantes que estruturam as representações sociais de homem e super-herói, percebemos, no núcleo central de ambos, que eles compartilham de duas características em comum: pai e força, o que também está presente quando tratamos de mulher e super-heroína, mas possui uma conotação de valor diferente, já que nenhum homem sofreu alguma consequência negativa por ser pai, como acontece com mulheres que são mães (Kleven, Landais, & Søgaaard, 2018), nem necessariamente precisou de força, visto que a estrutura social o favorece.

Na primeira periferia, homem e super-herói compartilham as palavras *poder* e *protetor*. O poder que ambos possuem pode estar relacionado com a questão da vinculação com a estrutura social, em que tradicionalmente os homens têm mais poderes. Entretanto, a palavra *protetor* pode ter significados aplicados distintos, já que os contextos são diferentes. Ou seja, o homem benevolente e protetor da vida real, que provavelmente protege sua família, e o super-herói, que tem a função de proteger a humanidade em geral dos perigos do mal. E quanto às palavras específicas de cada, temos um homem representado por características de *masculinidade*, da *barba*, de gostar de *futebol*, da *brutalidade*, e de ser um *namorado* ou *irmão*, enquanto o super-herói está representado pelos personagens *Hulk* e *Thor*, que *lutam* e têm *músculos*, mas *inteligência* também.

E na segunda periferia, percebemos que a mesma lógica representacional de um homem humano e um super-herói com características da ficção está presente. Quanto ao

homem, temos *trabalhador, segurança, bebida, parceiro*, mas temos também *idiota e fiel*, que surge em oposição ao *infel* trazido pelas mulheres. Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo corrobora com a percepção das mulheres ao relatar que 50,5% dos homens já traíram (como citado em Ferreira, 2018). Já com o super-herói, temos a representatividade por meio do *Pantera Negra, Homem Aranha, Hulk, fantasia, responsabilidade, agilidade*, mas surge a palavra *vô*, que traz a representação familiar mais próxima da realidade.

Por fim, a zona de contraste do homem apresenta características cotidianas dele e de seu significado popularmente associado e difundido: *Jesus, chato, escroto, lixo, carro, ignorância, provedor, hetero*, o que é interessante de relacionar com a discussão sobre o que é identidade de gênero e orientação sexual, já que o patriarcado traz como norma a heterossexualidade e cisgeneridade (Bagagli, 2017), bem como uma necessidade de comprová-las constantemente por meio do padrão de masculinidade. Já o super-herói continua bem demarcado em seu papel, pois traz sobre *filmes, cinema e desenho*, que são os principais lugares em que podemos encontrá-los; *Super Choque, salvação, inspiração, justo, sábio, virilidade e alto*, que são atributos que podemos encontrar neles.

Considerações Finais

Este trabalho apresentou dois estudos examinando como as mulheres são socialmente representadas em geral e como são socialmente representadas quando estão presentes em um contexto majoritariamente masculino, como é o caso da indústria cinematográfica e, especificamente, nos filmes do gênero de super-herói e super-heroína. Podemos compreender a incidência de um macrossistema patriarcal nesse contexto predominantemente masculino como sendo guiado por essas representações sociais e mediado pelo sexismo ambivalente. Somado a isso, percebemos que as pautas levantadas pelos movimentos feministas, como o empoderamento feminino e a luta pela igualdade social, estão se fazendo cada vez mais presentes no cotidiano das mulheres, especialmente as universitárias.

Em relação ao Estudo 1, vimos que mais atribuições estereotípicas foram feitas quando se tratava de filmes com protagonismo masculino, o que pode indicar que há uma maior facilidade de pensar sobre homens nesses contextos, bem como na sua adequabilidade a eles, em comparação com as mulheres. Por sua vez, essas atribuições estereotípicas feitas para os super-heróis corroboram a imagem mais positiva e forte transmitida pelas mídias (Baker, & Raney, 2007; Coyne et al., 2014). Além disso, pode ser visto como uma consequência da menor quantidade de filmes com protagonismo feminino, causando ainda uma certa estranheza e necessidade de acomodação para naturalização, o que acontecerá a partir da presença constante e ativa das super-heroínas.

Ademais, essa atribuição estereotípica se relaciona com os papéis de gênero tradicionais e rígidos (Steyer, 2014), uma vez que desde o momento do descobrimento do sexo biológico do feto, expectativas comportamentais são lançadas e adequadas ao padrão das relações de gênero. Essas relações de gênero também envolvem relações e espaços de poder e, no caso de uma sociedade organizada a partir do patriarcado, a dominação masculina, consequentemente, a desigualdade de gênero, são legitimadas (Calixto &

Wachelke, 2020). Como toda ideologia necessita de uma imagem para se manter e se propagar (Álvaro & Fernandez, 2006), as representações sociais da mulher propagadas pela mídia buscam naturalizar papéis sexistas e retroalimentar o sistema.

Então, como as representações sociais podem se relacionar com essa situação desigual? Como também a desigualdade de gênero presente na indústria cinematográfica interfere na construção da imagem e esta, por sua vez, repercute na construção da representação social e, conseqüentemente, nas relações sociais dos grupos na realidade? Em conjunto, esses fatores vão influenciar nas justificativas de homens e mulheres para a ascensão feminina como protagonistas nos filmes do gênero de super-heróis e super-heroínas. Por esse motivo, consideramos que, a partir da atuação em direção a mudança social, utilizando-se de estratégias a nível macrossocial, intergrupar e ideológica baseadas na coletividade ativa, é que será possível conquistar uma justiça social, sendo o cinema uma dessas ferramentas.

No geral, comparando todas as representações sociais apresentadas no Estudo 2, foi possível perceber um crescente no debate de questões como feminismo, empoderamento e representatividade, o que pode indicar um começo de uma transformação na representação social da mulher, mesmo que palavras tradicionais, ambivalentes e essencialistas ainda estejam presentes, como mãe e guerreira (Diekman & Goodfriend, 2007). Apesar dessas questões, fez-se presente também elementos direcionados ao corpo e características físicas, como cabelo e cheiro, o que pode levantar a ideia da existência de uma essência feminina, representada por uma mulher de elevada feminilidade e que, frequentemente, sofre com o processo de objetificação (Collins, 2011).

Já a super-heroína traz essa possibilidade de conquista e ocupação de novos lugares simbólicos para a mulher, como é o caso do cinema. O que pode servir como uma

imagem que traz, para o público feminino principalmente, uma representatividade e incentivo ao empoderamento da mulher. Entretanto, possui características que ainda a colocam como uma super-heroína do ambiente doméstico, voltando a esse local que fala sobre papéis tradicionais, de desigualdades e violências de gênero, simbolizado, sobretudo, na noção do lar familiar. Essa categoria “família” é discutida por Goffman (1979) como uma forma de avaliar a imagem de poder que personagens possuem. Por tal semelhança, questionamos, com base em Abric (2001), se a representação social da super-heroína pode ser considerada uma representação não autônoma de uma representação maior, que é a da mulher.

Em relação a essa representação mais conservadora, há grupos mais tradicionais, formados majoritariamente por homens, que buscam estratégias a fim de conseguir a manutenção e legitimação de uma estrutura social que os favorece, como é o caso do patriarcado e da ideologia machista e sexista. Como grupo em posição privilegiada na hierarquia das categorias sociais, os homens, principalmente os brancos e ricos, vão se interessar nessa rigidez da estrutura social e se sentirão ameaçados com a ascensão dos grupos minoritários, como mulheres, negros e LGBTQIA+ (Yeung, Kay, & Peach, 2014).

Devido a essa percepção de ameaça, reagirão de modo a manter esse distanciamento social existente e, para isso, poderão usar de formas mais sutis, como a conservação de instituições sociais em seu modo tradicional, ou mais flagrantes, como a discriminação e violência contra esses grupos. Todavia, esses grupos sociais fazem parte de uma mesma sociedade e convivem entre si, influenciando mutuamente de várias formas. Entretanto, possuem diferentes representações sociais da mulher, o que proporciona o surgimento de um conflito intergrupar de interesses.

Enquanto isso, a representação social do homem levanta discussões interessantes sobre a percepção do machismo e a violência relacionada à masculinidade, que,

atualmente, vem sendo discutida como masculinidade tóxica. O que quer dizer que os papéis socialmente destinados ao homem e os comportamentos que são esperados de sua parte ainda são os mesmos desde a mais tenra história da humanidade que nos foi contada. Logo, de acordo com a atualização dessas questões, há a necessidade de repensar sobre essa imagem e papel e começar a desconstruir uma representação profundamente patriarcal. Assim, a partir dessa conquista, comportamentos que são ofensivos tanto ao homem, quanto a mulher, podem ser flexibilizados e até transformados (Steyer, 2014).

No caso do super-herói, percebemos que sua representação traz um homem bom que se encontra adequadamente exercendo suas responsabilidades no lugar que social e majoritariamente lhe cabe. Dito de outra forma, mesmo que estejamos trabalhando com um universo de ficção, ele está de acordo com os papéis sociais impostos a ele, o que reflete na maioria de seu público, que é do gênero masculino e reproduz esse local de normatividade da masculinidade (Aley & Hahn, 2020; Coyne et al., 2014). Assim, podemos observar um reforço de certos padrões comportamentais e dos atributos que são destinados exclusivamente aos homens por parte dos super-heróis e dos homens por trás das telas que estão trabalhando na indústria cinematográfica, retroalimentada pela recepção de seu público comumente conservador (Baker & Raney, 2007; Scharrer & Blackburn, 2018).

Isso nos faz pensar sobre a importância teórica e prática que as representações sociais possui, uma vez que guiam os comportamentos sociais, registram e defendem a identidade social dos grupos, estão presentes na construção dos papéis de gênero e na divisão sexual desses. Por sua vez, estes grupos agem e partem para construir estereótipos e relações sociais a partir da ancoragem que possuem, isto é, qual é o lugar de fala deles, o que vimos acontecer quando perguntamos aos homens e as mulheres sobre os protótipos de homem e de mulher e surgiram representações diferentes.

Assim, é notória a diferença de representações sociais dos quatro objetos pesquisados. Isso porque uma sociedade pode lidar com muitas representações sociais diferentes sobre um mesmo objeto: algumas são hegemônicas (quando há um consenso social). Outras, emancipadas (quando representações diferentes são amplamente aceitas e respeitadas). Finalmente, algumas representações desafiam o consenso social e são consideradas polêmicas (Abric, 1994; Breakwell, 2015).

A mulher possui uma representação hegemônica e ambígua, que é capaz de abarcar “subgrupos/subrepresentações” de outros objetos sociais, como é o caso da super-heroína. Ao perguntarmos sobre esta última, percebemos que, apesar de uma emergente e gradativa conquista por esse espaço contranormativo, ela ainda é associada a características normativas que promovem um retorno ao lar familiar, bem como o uso de uma imagem considerada socialmente dentro dos padrões (Aley & Hahn, 2020; Coyne et al., 2014) e, por conseguinte, sua objetificação.

Por esse motivo, e não questionando a importância dessa presença em todos os espaços, mas apenas refletindo, indagamos: em que medida a ascensão feminina a lugares habitualmente masculinos contribui para a mudança em uma representação social ambivalente da mulher, no combate à discriminação e à desigualdade de gênero? Toda representatividade é eminentemente positiva? Concluímos que a mulher continua sendo tratada e retratada de acordo com a estrutura ideológica de uma sociedade sexista, que se relaciona dialeticamente com as representações sociais hegemonicamente construídas e que servem como guia para tais comportamentos, sendo constantemente atualizadas e reforçadas pela mídia.

Fazendo uma ampliação dessa lógica para a mídia, especificamente a indústria cinematográfica, objeto e fundo desta pesquisa, percebemos que ocorre o mesmo: as representações sociais construídas e transmitidas pelos filmes vão seguir de acordo com

as percepções e interesses de quem conta e monta as histórias. Dessa forma, podemos ter o cinema como um aliado para a construção de representações sociais mais igualitárias e que auxiliam na desconstrução do machismo e do sexismo, visto o alcance de público que possui; ou podemos ter o cinema como mais um meio de comunicação que hiperssexualiza, subintelectualiza e enfraquece as mulheres e outras minorias, já que serve a uma lógica capitalista, neoliberal e patriarcal interessadas na rigidez da estrutura e representação social.

Assim, como possibilidade de resposta, temos que nem toda representatividade importa, ou que há algumas representatividades que estão esvaziadas de seu sentido, que é o alcance de uma mudança social verdadeira para os grupos minoritários, visto que, a depender da identidade social, dos estereótipos e dos valores que uma pessoa traz consigo, ela estará servindo ao grupo majoritário na realidade. Por isso, a transformação de uma representação social polêmica em emancipada e, finalmente, em hegemônica depende da existência de uma minoria consistente que desafia o consenso estabelecido, criando conflito e discutindo as ideias que uma vez já foram tabus (Moscovici, 2011). Além disso, depende também de uma representatividade que esteja verdadeiramente aliada as intenções de seu grupo ou grupos sociais na prática.

Portanto, vale ressaltar a dimensão que uma minoria ativa pode alcançar a partir da consistência de seu discurso e por meio de uma mídia abrangente, como é o caso do cinema. Por isso, uma maior quantidade de mulheres em locais sociais considerados masculinos e contranormativos, como é o caso das super-heroínas, das diretoras e produtoras dessa indústria, auxilia na desconstrução de uma representação social hegemônica, que sustenta papéis e locais tradicionais direcionados para as mulheres. Consequentemente, uma representação por meio de uma personagem forte, empoderada, não sexualizada, não sexista e que não reforce uma rivalidade feminina, será fortalecida

e fortalecerá crianças, mulheres e homens na busca de uma sociedade com relações entre os gêneros mais igualitárias e menos machistas.

Limitações e Direções Futuras

Assim como todos os trabalhos, este também possui limitações. Uma delas é que a amostra dos participantes da pesquisa foi composta de estudantes universitários, que são parte importante da constituição da sociedade, vivenciam a divisão sexual dos papéis e estarão atuando em seus campos profissionais futuramente, mas não representam a sua totalidade. Outro fator interessante a levar em consideração é que não foi realizada nenhuma manipulação experimental, o que poderá ser feito futuramente a partir dos resultados baseados na Teoria das Representações Sociais aqui encontrados.

Ademais, os resultados aqui encontrados indicaram possibilidades de direções futuras diversas, tanto na área da pesquisa teórica, no sentido de acompanhar longitudinalmente o comportamento do núcleo central da representação social da mulher e do homem e como estão dialogando com as práticas sociais, quanto para ampliar as perspectivas da intervenção prática, dialogando especialmente com movimentos sociais de mulheres, a fim de uma *práxis* cada vez mais efetiva. Inclusive, possibilitando uma reflexão sobre o papel da mídia na construção e desconstrução de representações sociais e papéis e estereótipos de gênero, bem como quem está por trás e quais são os interesses intrínsecos presentes na produção e direção de filmes.

Desse modo, também se faz plausível pensar em uma educação crítica tanto para a construção dessas histórias, bem como para assisti-las, de forma a considerar questões de representatividade e de interseccionalidade. Dito isto, abre-se um leque de possibilidades de trabalhar a Teoria das Representações Sociais e os papéis de gênero a partir de personagens de grande alcance de público, como é o caso das super-heroínas e dos super-heróis, já a partir da infância, com o objetivo de intervir e comunicar sobre questões de gênero, a exemplo de estereótipos de feminilidades e masculinidades não tóxicas, sexismo ambivalente, ocupação em cargos de liderança por mulheres, o empoderamento e sua importância, igualdade social, entre outras.

Referências

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. Em A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-46). Goiânia: AB.
- Abric, J.-C. (1994). Méthodologie de recueil des représentations sociales. In J.-C. Abric (Ed.), *Pratiques sociales et représentations* (pp. 59–82). Presses Universitaires de France.
- Abric, J. C. (2001). Prácticas sociales y representaciones. *México: Coyoacán*.
- Albuquerque, I. M. (2020). *Procesos psicosociales de discriminación contra la mujer*. (Tese de doutoramento, Universidad Complutense de Madrid, 2020).
- Aley, M., & Hahn, L. (2020). The powerful male hero: A content analysis of gender representation in posters for children's animated movies. *Sex Roles*, 1-11.
- Allport, G. W. (1954). The nature of prejudice. Cambridge, MA: addison.
- Almeida, L. S. D. (2007). Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF*, 19(2), 411-422.
- Álvaro, J. L. E. & Fernández, B. R. (2006). Representaciones sociales de la mujer. *Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social*, 1(9), 65–77. <https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v1n9.261>
- Amorim, D. (2019). IBGE: Mulher trabalha quase dobro de horas que homens nas tarefas domésticas. <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/04/26/mulher-trabalha-quase-dobro-de-horas-que-homem-nos-afazeres-domesticos-diz-ibge.htm>
- Arruda, Â. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de pesquisa*, (117), 127-147.
- Arruda, A., Gonçalves, L. P. V., & Mululo, S. C. C. (2008). Viajando com jovens universitários pelas diversas brasileiras: representações sociais e estereótipos. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 503-511.
- Barros, S. C. V., & Mourão, L. (2020). Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero. *Psicologia em Estudo*, 25.
- Bagagli, B. P. (2017). Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgenderidade como normas. *Letras escreve*, 7(1), 137-164.
- Baker, K., & Raney, A. A. (2007). Equally super?: Gender-role stereotyping of superheroes in children's animated programs. *Mass Communication & Society*, 10(1), 25-41.
- Batha, E. (2020, novembro 23). Mulheres no poder? Pesquisa mostra que resistência a lideranças femininas é maior entre jovens.

<https://oglobo.globo.com/celina/mulheres-no-poder-pesquisa-mostra-que-resistencia-liderancas-femininas-maior-entre-jovens-24740621?versao=amp>

- Behm-Morawitz, E., & Mastro, D. (2009). The effects of the sexualization of female video game characters on gender stereotyping and female self-concept. *Sex roles*, 61(11-12), 808-823.
- Berth, J. (2018). *Empoderamento*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Blakemore, J. E. O. (2003). Children's beliefs about violating gender norms: Boys shouldn't look like girls, and girls shouldn't act like boys. *Sex roles*, 48(9), 411-419.
- Breakwell, G. (2015). Identity process theory. In G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell, & J. Valsiner (Eds.), *The Cambridge Handbook of Social Representations* (pp. 250–268). Cambridge University Press.
- Bussey, K., & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological review*, 106(4), 676.
- Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paideia*, 14(28), 125-137. doi: 10.1590/S0103-863X2004000200003
- Calixto, R. S. & Wachelke, J. (2020). Ideologia, gênero e a divisão do trabalho doméstico familiar: investigando uma instância de exclusão psicossocial. In M. E. O. Lima, D. X. França, & R. M. K. Freitag (Orgs.), *Processos psicossociais da exclusão social* (1ª ed., Cap. 7, pp. 133-152). São Paulo: Ed. Edgard Blücher Ltda.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em psicologia*, 21(2), 513-518.
- Camino, L., Tavares, T. L., Torres, A. R. R., Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2014). Repertórios discursivos de estudantes universitários sobre cotas raciais nas universidades públicas brasileiras. *Psicologia & Sociedade*, 26(SPE), 117-128.
- Camino, L., Torres, A. R. R., Lima, M. E. O., & Pereira, M. E. (2013). *Psicologia Social: temas e teorias*. Brasília: Technopolitik.
- Carneiro, R. (2020, março 6). Daniel Craig: ‘James Bond terá de se adaptar às mulheres poderosas’. *Veja*.
- Carnevalli, E. (2019, março 26). Homens e mulheres concordam: o preconceito de gênero interfere no salário. <https://epocanegocios.globo.com/Mercado/noticia/2019/03/homens-e-mulheres-concordam-o-preconceito-faz-elas-ganharem-menos.html>
- Castro, A., Giacomozzi, A. I., & Camargo, B. V. (2018). Representaciones sociales, zona muda y prácticas sociales femeninas sobre envejecimiento y rejuvenecimiento. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 9(2), 58-77.
- Chaves, A. M., & Silva, P. L. (2013). Representações Sociais. In Camino, L., Torres, A. R. R., Lima, M. E. O., & Pereira, M. E. (Orgs.), *Psicologia Social: temas e teorias* (2ª ed., Cap 7, pp. 413-464). Brasília: Technopolitik.

- Cerqueira, C. P. B., & Cabecinhas, R. (2018). Desigualdades de gênero em foco: interseções entre produção e recepção de conteúdos jornalísticos.
- Collins, R. L. (2011). Content analysis of gender roles in media: Where are we now and where should we go?. *Sex roles*, 64(3-4), 290-298.
- Conceição, A. C., Amorim, A. K. F., & Pereira, C. R. (2020). O papel do conteúdo dos estereótipos na discriminação de gênero. In M. E. O. Lima, D. X. França, & R. M. K. Freitag (Orgs.), *Processos psicossociais da exclusão social* (1ª ed., Cap. 4, pp. 89-100). São Paulo: Ed. Edgard Blücher Ltda.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282.
- Connor, R. A., Glick, P., & Fiske, S. T. (2017). Ambivalent sexism in the twenty-first century. In C. G. Sibley & F. K. Barlow (Eds.), *The Cambridge handbook of the psychology of prejudice*. Cambridge University Press. 295-320
<https://doi.org/10.1017/9781316161579.013>
- Diniz, F. C. O. R. (2018). *Representações sociais da mulher: uma revisão sistemática da literatura do brasil e américa latina*. Trabalho de conclusão de curso não-publicado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Brasil.
- Costa, L. B. L., & De Tilio, R. (2020). Representações Sociais de Família para Não Feministas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(3), 790-812.
- Coutinho, M. D. P. L., & Do Bú, E. (2017). A técnica de associação livre de palavras sobre o prisma do software tri-deux-mots (version 5.2). *Revista Campo do Saber*, 3(1).
- Coyne, S. M., Linder, J. R., Rasmussen, E. E., Nelson, D. A., & Collier, K. M. (2014). It's a bird! It's a plane! It's a gender stereotype!: Longitudinal associations between superhero viewing and gender stereotyped play. *Sex Roles*, 70(9), 416-430.
- Diekman, A. B., & Goodfriend, W. (2007). The good and bad of social change: Ambivalence toward activist groups. *Social Justice Research*, 20 (4), 401-417.
- Dietz, T. L. (1998). An examination of violence and gender role portrayals in video games: Implications for gender socialization and aggressive behavior. *Sex Roles*, 38, 425-442.
- Doise, W., Clemence, A., & Lorenzi-Cioldi, F. (1993). *The quantitative analysis of social representations*. Taylor & Francis.
- Eagly, A. (1987). *Sex differences in social behavior: A social-role interpretation*. Hillsdale: Erlbaum.
- Elcherorth, G., Doise, W., & Reicher, S. (2011). On the knowledge of politics and the politics of knowledge: How a social representations approach helps us rethink the subject of political psychology. *Political Psychology*, 32(5), 729-758.
- Federici, S. (2019). *Mulheres e caça às bruxas*. Boitempo Editorial.

- Ferreira, T. (2018, março 20). Pesquisa da USP revela a cidade brasileira em que as pessoas mais traem. Será a sua? <https://www.vix.com/pt/noticias/538889/pesquisa-realizada-pela-usp-revela-a-cidade-brasileira-em-que-as-pessoas-mais-traem>
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of personality and social psychology*, 82(6), 878.
- Flament, C. (1994). Consensus, salience and necessity in social representations-Technical note. *Papers on social representations*, 3, 97-105.
- Fórum Econômico Mundial. (2020). *Global Gender Gap Report*. Recuperado em 2 outubro, 2020 do Fórum Econômico Mundial: <https://www.weforum.org/>
- Garrido-Luque, A., Álvaro-Estramiana, J. L., & Rosas-Torres, A. R. (2018). Estereotipos de género, maternidad y empleo: un análisis psicosociológico. *Pensando Psicología*, 14(23).
- Glaubke, C. R., Miller, P., Parker, M.A. & Espejo, E. (2001). *Fair play? Violence, race, and gender in video games*. Children NOW
- Glick, P. & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*. 70, 3. [doi:10.1037/0022-3514.70.3.491](https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491)
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An ambivalent alliance: Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *American psychologist*, 56(2), 109.
- Goffman, E. (1979). *Gender advertisements*. Cambridge, MA: Harvard University Press. <https://doi.org/10.1007/978-1-349-16079-2>.
- González, M. J., Cortina, C., & Rodríguez, J. (2019). The Role of Gender Stereotypes in Hiring: A Field Experiment. *European Sociological Review*, 35 (2), 187 -204. <https://doi.org/10.1093/esr/jcy055>
- Grisci, C. L. I. (1995). Mulher-mãe. *Psicologia: ciência e profissão*, 15(1-3), 12-17.
- Gundersen, A. B., & Kunst, J. R. (2019). Feminist≠ feminine? Feminist women are visually masculinized whereas feminist men are feminized. *Sex Roles*, 80(5-6), 291-309.
- Hernandes, E. S. C., & Vieira, L. (2020). A guerra tem rosto de mulher: trabalhadoras da saúde no enfrentamento à Covid-19. <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19>
- Hirata, H. S. (2015). *Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: divisão sexual do trabalho numa perspectiva comparativa*. Friedrich Ebert Stiftung Brasil.
- Hobsbawn, E. (1988). Entrevista concedida a Nicolau Scvcenko para o jornal Folha d. S. Paulo, 04/06/1988.

- IBGE. (2018). Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Recuperado em 2 outubro, 2020 do IBGE: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=o-que-e>
- Jodelet, D. (2002). Representações sociais: um domínio em expansão. *As representações sociais*, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p.17-44.
- Kaya, A., Iwamoto, D. K., Brady, J., Clinton, L., & Grivel, M. (2018, April 26). The Role of Masculine Norms and Gender Role Conflict on Prospective Well-Being Among Men. *Psychology of Men & Masculinity*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/men0000155>
- Klepto, I. (2018). Qual foi o primeiro filme de super-herói a ser feito e quando?. Recuperado em 5 de junho, 2020 de <https://www.quora.com/What-was-the-first-superhero-movie-to-be-made-and-when>
- Kornis, M. A. (1992). História e Cinema: um debate metodológico. *Revista estudos históricos*, 5(10), 237-250.
- Lauzen, M. M. (2020). *The Celluloid Ceiling: Behind-the-Scenes Employment of Women on the Top 100, 250, and 500 Films of 2019*. Recuperado em 5 março, 2020 do Center for the Study of Women in Television & Film: <https://womenintvfilm.sdsu.edu/>
- Lazaro, N. (2020, 8 agosto). Dia dos pais para quem? Com 80 mil crianças sem pai, abandono afetivo cresce. Recuperado em 21 agosto, 2020 de <https://www.metropoles.com/brasil/dia-dos-pais-pra-quem-com-80-mil-criancas-sem-pai-abandono-afetivo-cresce>
- Lima, M. E. O., França, D. X. D., Gouveia, R. C. D., & Costa, A. C. S. D. (2014). Formação e difusão das cognições sociais: TV, racismo e homofobia. *Revista Brasileira de Psicologia*.
- Lima, M. E. O. (2020). A análise dos estereótipos: diálogos entre a teoria das representações sociais e os modelos da cognição social. In M. E. O. Lima, D. X. França, & R. M. K. Freitag (Orgs.), *Processos psicossociais da exclusão social* (1ª ed., Cap. 1, pp. 34-46). São Paulo: Ed. Edgard Blücher Ltda.
- Linhares, L. V. (2021). Culpabilização da vítima de violência sexual: uma análise do efeito da combinação de características da vítima e do observador. Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Brasil.
- Mahalik, JR, Locke, BD, Ludlow, LH, Diemer, MA, Scott, RPJ, Gottfried, M. e Freitas, G. (2003). *Desenvolvimento do Inventário de Conformidade com Normas Masculinas. Psicologia dos homens e masculinidade*, 4 (1), 3–25. doi: 10.1037 / 1524-9220.4.1.3
- Martinez, W. (2020, 18 setembro). Por que mulheres se candidatam a menos vagas de emprego que homens. Recuperado em 21 outubro, 2020 de <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/18/por-que-mulheres-se-candidatam-a-menos-vagas-de-emprego-do-que-homens.htm>

- Mastro, D. E., & Behm-Morawitz, E. (2005). Latino representation on primetime television. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 82(1), 110-130.
- Moscovici, S. (2007). *Representações sociais – Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Moscovici, S. (2011). *Psicologia das Minorias Ativas*. Vozes (Original work published 1979).
- Moscovici, S. (2012) *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes.
- Morgan, M. (1982). Television and adolescents' sex role stereotypes: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(5), 947.
- Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (2000). Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia*, 8(3), 287-299
- Oliveira, C. D.; Marques S. C.; Tosoli, A. M. Analise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuino, & S. M. Nóbrega (Eds.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 25-60). João Pessoa, PB: Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba
- Sá, C. P. D. (1996). Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. *Temas em Psicologia*, 4(3), 19-33.
- Sáez, G., Valor-Segura, I., & Expósito, F. (2016). Interpersonal sexual objectification experiences: Psychological and social well-being consequences for women. *Journal of interpersonal violence*, 34(4), 741-762.
- Sales-Oliveira, C., Villas-Boas, S., & Las-Heras, S. (2016). Estereótipos de género e sexismo em docentes do ensino superior. *Revista iberoamericana de educación superior*, 7(19), 22-41.
- Santos, A. M. D. (2014). A difusão de representações sociais dos direitos humanos pelo jornal nacional. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Brasil.
- Santos, I. J. (2020). A ameaça dos estereótipos: a interferência social nos processos psicológicos. In M. E. O. Lima, D. X. França, & R. M. K. Freitag (Orgs.), *Processos psicossociais da exclusão social* (1ª ed., Cap. 5, pp. 101-115). São Paulo: Ed. Edgard Blücher Ltda.
- Schaffstall, K. (2020, janeiro 2). Women Made Up 20 Percent of Key Behind-the-Scenes Roles in Top-Grossing Films in 2019: Study. *The Hollywood Reporter*, Movies, p. 1.
- Scharrer, E., & Blackburn, G. (2018). Cultivating conceptions of masculinity: Television and perceptions of masculine gender role norms. *Mass Communication and Society*, 21(2), 149-177.
- Sousa, Y. S. O., Santos, M. F. S., & Neto, M. L. A. (2019). A psicologia social e os fenômenos relacionados ao “mundo das drogas”. In E. R. C. Moraes, F. M. L. Cruz,

- M. F. S. Santos, & R. L. S. Aléssio (Orgs.), *Interfaces entre a psicologia do desenvolvimento e a psicologia social* (1ª ed., Cap. 12, pp. 349-379). Recife: Ed. UFPE.
- Signorielli, N. (1989). Television and conceptions about sex roles: Maintaining conventionality and the status quo. *Sex roles*, 21(5-6), 341-360.
- Signorielli, N., & Bacue, A. (1999). Recognition and respect: A content analysis of prime-time television characters across three decades. *Sex roles*, 40(7-8), 527-544.
- Signorielli, N., & Kahlenberg, S. (2001). Television's world of work in the nineties. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 45(1), 4-22.
- Steele, C. M., & Aronson, J. (1995). Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans. *Journal of personality and social psychology*, 69(5), 797.
- Steyer, I. (2014). Gender representations in children's media and their influence. *Campus-Wide Information Systems*.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup behaviour. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (2nd ed.), (pp. 7-24). Chicago: Nelson-Hall.
- Techio, E. M. (2011). Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. In Techio, E. M., & Lima, M. E. O. *Cultura e produção das diferenças: Estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal*, 21-75.
- Tia Má. (2020, 20 julho). Forte ou sobrecarregada? Recuperado em 21 agosto, 2020 de <https://www.uol.com.br/universa/colunas/tia-ma/2020/07/20/forte-ou-sobrecarregada.htm>
- Tiburi, M. (2018). *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Editora Record.
- Tockey, D., & Ignatova, M. (2018). *Gender Insights Report: how women find jobs differently*. Recuperado em 21 outubro, 2020 do LinkedIn: <https://business.linkedin.com/content/dam/me/business/en-us/talent-solutions-lodestone/body/pdf/Gender-Insights-Report.pdf>
- Torres, A. R. R., & Camino, L. (2013). Grupos Sociais, Relações Intergrupais e Identidade Social. In: L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Eds.), *Psicologia Social: Temas e Teorias* (2nd ed., Vol. 1, pp. 513-538). Brasília: Technopolitik.
- Torres, A. R. R., Albuquerque, I. M., Viana, H. A., Linhares, L. V., Luque, A. G., & Álvaro, J. L. (2019). A psicologia social do sexismo. In S. C. Maciel, & P. N. Fonseca (Orgs.), *Psicologia social: vertentes e perspectivas* (1ª ed., Cap. 2, pp. 35-48). Editora UFPB.
- Vala, J., & Castro, P. (2013). Pensamento social e representações sociais. *Psicologia social (9ª edição revista e actualizada)*, 569-602.

- Viana, H. A., Rosas-Torres, A. R., & Estramiana, J. L. Á. (2020). Egalitarian men: stereotypes and discrimination. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 111-128.
- Villas-Bôas, L. P. S. (2010). Uma abordagem da historicidade das representações sociais. *Cadernos de Pesquisa*, 40(140), 379-405.
- Wachelke, J. F. R., & Camargo, B. V. (2007). Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 41(3), 379-390.
- Wachelke, J., & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 27(4), 521-526.
- Wachelke, J., Wolter, R., & Matos, F. R. (2016). Efeito do tamanho da amostra na análise de evocações para representações sociais. *Liberabit*, 22(2), 153-160.
- Ward, L. M., & Friedman, K. (2006). Using TV as a guide: Associations between television viewing and adolescents' sexual attitudes and behavior. *Journal of research on adolescence*, 16(1), 133-156.
- Yeung, A. W., Kay, A. C., & Peach, J. M. (2014). Anti-feminist backlash: The role of system justification in the rejection of feminism. *Processos de Grupo e Relações Intergrupais*, 17 (4), 474-484.

ANEXOS

Questionário do Estudo 1

**Universidade Federal da Paraíba**

Caro Participante,

Este trabalho faz parte de uma pesquisa a respeito dos filmes de ficção de super-herói e super-heroínas. Gostaríamos de contar com a sua colaboração respondendo sinceramente às questões que virão, entendendo que:

- Não há respostas certas ou erradas;
- Não deixe nenhuma questão em branco;
- Em caso de dúvida, responda de modo que mais se aproxima de sua opinião pessoal.

Assim, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que os dados fornecidos somente poderão ser utilizados para fins científicos e acadêmicos e meus dados serão mantidos em sigilo.

☐ Aceito.

Desde já, agradecemos a sua colaboração!

1. Qual foi o último filme do gênero de ficção de super-herói e super-heroína que você assistiu?

2. Você sabe dizer se ele foi dirigido por um homem ou uma mulher?

3. Escreva, abaixo, a sua interpretação e/ou crítica sobre o filme.

4. Quais as características do/da personagem principal que mais chamaram sua atenção?

5. Se você tivesse a oportunidade de reescrever o roteiro, você daria um final diferente? Se sim, qual?

Questionário Sociodemográfico

Idade: _____

Gênero:

() Feminino () Masculino () Outro: _____

Curso: _____

Você se considera:

() Branco () Negro () Pardo () Outro: _____

Classe social:

() Baixa () Média baixa () Média () Média alta () Alta

Qual a renda aproximada de sua família? _____

Você concorda com a atual ascensão ou crescimento de protagonistas femininas nesses filmes?

() Sim () Não

Justifique sua resposta.

Em que medida você concorda que deve haver a mesma quantidade de protagonistas mulheres e homens? Por favor, marque a alternativa que mais se aproxima da sua opinião:

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo pouco	Não discordo nem concordo	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

Justifique sua resposta.

Questionário do Estudo 2

**Universidade Federal da Paraíba**

Caro Participante,

Este trabalho faz parte de uma pesquisa a respeito dos filmes de ficção de super-herói e super-heroínas. Gostaríamos de contar com a sua colaboração respondendo sinceramente às questões que virão, entendendo que:

- Não há respostas certas ou erradas;
- Não deixe nenhuma questão em branco;
- Em caso de dúvida, responda de modo que mais se aproxima de sua opinião pessoal.

Assim, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que os dados fornecidos somente poderão ser utilizados para fins científicos e acadêmicos e meus dados serão mantidos em sigilo.

☐ Aceito.

Desde já, agradecemos a sua colaboração!

Questionário TALP

1) _____

2) _____

3) _____

4) _____

5) _____

6) _____

Questionário Sociodemográfico

Idade: _____

Gênero: () Feminino () Masculino () Outro: _____

Curso: _____ **Período:** _____

Você se considera: () Branco () Negro () Pardo () Outro: _____

Classe social: () Baixa () Média baixa () Média () Média alta () Alta

Quais dos filmes abaixo você assistiu?

- ☐ Capitã Marvel ☐ Mulher Maravilha ☐ Logan
☐ Capitão América: O Soldado Invernal ☐ Esquadrão Suicida
☐ Vingadores: Ultimato ☐ Homem-Aranha: De Volta ao Lar
☐ X-Men: Dias de Um Futuro Esquecido ☐ Deadpool
☐ Vingadores: Guerra Infinita ☐ Pantera Negra
☐ Os Vingadores 2: A Era de Ultron ☐ Homem-Formiga
☐ Quarteto Fantástico ☐ Batman V Superman: O Despertar da Justiça
☐ Thor: Ragnarok ☐ O Espetacular Homem-Aranha 2
☐ Capitão América: Guerra Civil ☐ Homem de Ferro ☐ Homem de Ferro 2
☐ Homem de Ferro 3 ☐ Capitão América: O Primeiro Vingador
☐ Homem-Aranha: Longe de Casa ☐ Thor
☐ Os Vingadores ☐ Thor: O Mundo Sombrio
☐ The Flash ☐ X-Men: Apocalypse ☐ Fênix Negra
☐ As Tartarugas Ninjas: Fora das Sombras ☐ Dr. Estranho
☐ Guardiões da Galáxia 2 ☐ Liga da Justiça - Parte 1
☐ As Tartarugas Ninja ☐ Homem Formiga e Vespa
☐ Aquaman ☐ Shazam!
☐ Guardiões da Galáxia ☐ O Incrível Hulk

Liste abaixo, em ordem, os 5 filmes que você mais gostou:
